

dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

2018

03



#ninguemexcluido

Chamar... para escolher

Nesta edição: Tradução dos textos para a Língua Portuguesa

dma

REVISTA DAS
FILHAS DE MARIA
AUXILIADORA

NÚMERO 03 . 2018

Ano LXV
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma

www.rivistadma.org
na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma

tel. +39 06872741
fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira

Gabriella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,
Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,
Anna Rita Cristaino, Emilia Di
Massimo, Dora Eyleinstein, Palma
Lionetti, Anna Mariani, Maria
Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,
Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha
Séide, Giuseppina Teruggi, Maria
Grazia Caputo, Caterina Cangia,
Mariano Diotto, Paolo Ondarza,
Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,
Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma

www.vicis.it

Edição Extracomerciale

La revista **dma** è realizzata sobre carta
ecológica certificada FSC, constituída de
pura celulose e.c.f. e por un elevado
conteúdo de fibras de recuperação (pelo
menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

Associativa USPI

Unione Stampa
periódica italiana

SUMÁRIO

EDITORIAL:
**Chamar...
para escolher** 03

O caminho é a Paz
A paz é o caminho dos
jovens 04

Cultura ecológica
A não violência como
relação justa 06

Fio de Ariadne
Geração iGEN:
oportunidades, riscos e
desafios educativos 08

Dossiê
Educar é... explorar novos
atalhos 10

O caminho de Damasco
Educadores que
despertam a fé 15

Horizonte família
O s jovens, a fé e o
discernimento vocacional 17

Cinema



29

Mulher
Faróis e tochas 19

Focus
A beleza da escuta 21

A voz dos jovens
Os Jovens e a vocação 23

Polifonia
Enamorar-se da vida 25

Comunicar
A criatividade como recurso 26

Cinema
A melodia 29

Literatura
Os anjos dos livros de Daraya 30

Música
Chamados a escolher 32

**Laboratório
Imagem**
Temura. A revolução do
pensamento gentil 29

Música
Ver para interpretar 30

Laboratório-imagem
Roda-se um curta-metragem
sobre as metáforas da vida em
comunidade 33

Camilla
Vocação líquida ou sólida? 36

Dossiê



13

Chamar... para escolher

Neste ano, em preparação ao Sínodo dos Bispos sobre os jovens que já se aproxima, sensíveis ao chamado de Deus, fazemos com os jovens um caminho de fé, no coração do discernimento vocacional. Este caminho convidou-nos a aprofundar três verbos – *reconhecer, interpretar e escolher* – (cf EG 51) que nos colocam no caminho do discernimento segundo o Espírito de Deus.

Reconhecer requer a capacidade de escuta da pessoa. Acolhe-se o mistério do outro, em um profundo diálogo interior com o Senhor, atentos para *interpretar* o que o Espírito está suscitando em cada um. E aqui a pastoral vocacional é chamada a ajudar os jovens a fazer escolhas e a tomar decisões livres, conscientes, despojadas de qualquer interesse que não seja pelo Evangelho.

Escolher implica colocar-se em contínuo interrogar-se sobre o sentido primeiro da vida, passando do *por que* ao *por quem*, alcançando o coração da missão, do chamado de Deus a cada pessoa. É deixar-se conduzir pelo Espírito de Deus que ajuda a afinar o nosso olhar para desvelar os horizontes, deixando-se interrogar pelas questões de sentido. O acompanhamento dos jovens é conduzido pela mão de Deus que conta com nossa mediação. Por meio dos jovens, atentos ao sopro do Espírito, a Igreja poderá perceber a voz do Senhor que ressoa ainda hoje (cf Doc. Preparatório: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*).

Escolher requer uma abertura ao discernimento cotidiano como crescimento na fé, como capacidade de ler os sinais de Deus nos acontecimentos da vida, na história pessoal, nos movimentos do coração. Discernir é ter o Espírito de Deus como um “convidado” permanente que conosco

percorre nossas estradas existenciais, trazendo luz e sentido.

Papa Francisco apresentou aos jovens o Documento preparatório, confiando-o a eles como uma “bússola” para o caminho rumo ao Sínodo. E se dirige a eles, manifestando o seu desejo, juntamente com os Bispos, de que se tornem, ainda mais, “colaboradores da sua alegria” (2 Cor 1, 24). E afirma que um mundo melhor, constrói-se também graças a eles, à sua vontade de mudança e à sua generosidade. E lhes exorta a não ter medo de escutar o Espírito que sugere escolhas audazes, e a não protelar quando a consciência lhes pede a arriscar para seguir o Mestre (Carta do Papa aos jovens por ocasião do documento preparatório da XV Ass. Geral Ord. Do Sínodo dos Bispos). É um chamado, também para nós, a despertar a alegria por sermos acompanhantes dos jovens a nós confiados e, com eles, a descobrir o Projeto de Deus.

Chamar para escolher... Chamar é “*despertar o desejo, remover as pessoas daquilo que as mantém bloqueadas, pôr perguntas às quais não existem respostas pré-fabricadas*”. Chamar é colocar-se na escuta, com muita atenção ao Deus que passa e visita a nossa vida. Deus continua a nos chamar. E a este chamado urge um Sim generoso e pleno.

Confiemos a Maria, a Auxiliadora, todos os jovens. Que cada um deles possa sentir a proximidade de Nossa Senhora, sentir o seu Sim encorajando-os a entregar sua vida na alegria de um “eis-me aqui” missionário.

Maria Helena Moreira
mhmoreira@cgfma.org

A Paz é o caminho dos Jovens

| Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@fma.org

È o continente *Jovem* que “faz” a Paz. São eles, os jovens, os autênticos agentes de mudança que se apresentam, na cena mundial, e lutam pelo pelos Direitos humanos e pela liberdade, pelo desenvolvimento ético e solidário, pela construção de uma Paz real entre os povos e as Nações.

■ Educação, estaleiro de Paz

“A dignidade é o objetivo, a instrução é o meio”: é o slogan estampado nas camisetas azuis da *Escola do Patriarcado Latino em Beit Jala*, a primeira escola latina na Palestina, fundada em 1854 para levar a mensagem de fé, educação e instrução a todos, independentemente do credo, da classe social e do sexo. É um verdadeiro desafio educar os jovens «a não lutar contra os outros, mas a cooperar para construir um futuro de convivência, de respeito, de direitos e de dignidade». Tudo isso com um único instrumento: a instrução. Os protagonistas hoje são cerca de 900 estudantes das 31 classes da escola, de idade entre 4 e 18 anos, juntamente com outras escolas do Patriarcado latino de Jerusalém, uma rede de 44 Institutos esparços entre Palestina (13), Israel (6) e Jordânia (25), com cerca de 20 mil alunos. A instrução não tem o objetivo apenas de profissionalizar os estudantes, mas também de educá-los, para que se tornem pessoas de esperança, de amor e de justiça. Ensina-se aos jovens de várias confissões: cristãos, muçulmanos, drusos, a viver em paz, a se respeitar mutuamente; a reconstruir a esperança com cuidado e atenção aos mais pequeninos.

Na escola, a religião não é um problema. Uma amizade que nasce nos bancos da escola e que se consolida fora dela, torna-se colante de uma sociedade sempre mais unida e solidária”. Assim a consideram os

jovens estudantes de direito que frequentam o curso de “Multiculturalidade e diversidade” na Universidade hebraica de Jerusalém. Entre os seus empenhos, eliminar as incompreensões para poder ajudar a sociedade a crescer. Um caminho é a comunicação, porque os contatos, as possibilidades de conhecer-se e de se ver, estão na base de uma convivência possível.

O caminho da paz e da justiça passa pelos Jovens e pela Educação.

■ Uma economia da restituição

Para fazer a Paz e construir um futuro de esperança, os jovens propõem “a economia da restituição”. Não é uma utopia. É possível, hoje como nunca, na história. Os recursos para dar a oportunidade de uma vida digna para todos, existem. Trata-se de torná-los acessíveis a todos, de “restituí-los”, para promover o bem comum, saindo da ganância, do egoísmo pessoal, grupal e nacional, do muito nas mãos de muito poucos.

A economia da restituição mede a sua eficiência, sobretudo, tornando todos protagonistas do processo econômico e produzindo recursos reais que possam dar oportunidade de crescimento constante a toda a sociedade. Multiplica para cada pessoa, vida, capacidade, dignidade, condições para realizar, oportunidades de participar, liberdade de escolher, de ser.

Restitui a todos os países do mundo a oportunidade de desenvolvimento e de crescimento econômico. Restitui o direito ao trabalho, aos adultos, limitando o flagelo do trabalho infantil. Restitui a possibilidade da procura e do acesso à tecnologia. A economia da restituição é uma mão estendida para salvar um barco que afunda: a humanidade oprimida pela desigualdade

insuportável que faz ‘excluídos’, tanto nos países pobres como nos países ricos.

***Os jovens não esperam a Paz;
eles a constroem.***

Camisetas éticas

Ape Italian Style, uma companhia que surge às portas de Milão e produz camisetas solidárias, com tecidos naturais. “*O bem gera o bem*”, “*O caminho, abre-se caminhando*”, “*Tudo começa, se quiseres*”, são alguns dos slogans escolhidos e impressos nessas camisetas produzidas por uma Cooperativa Social, no Município de Oggiono, que oferece trabalho a meninos com deficiência ou com dificuldade de inserção.

Alessandro Ferrari provém do mundo da gráfica publicitária e trabalhou como gráfico em uma companhia até o dia em que, entrando no oratório e conhecendo os educadores decidiu deixar o trabalho para se tornar educador, para estar com os meninos e ajudar os outros.

Estando com os meninos, crianças, adolescentes e jovens que usavam sempre camisetas com frases vulgares, decide desenhar camisetas. Depois conhece em um retiro espiritual no Sermig de Turim, Ernesto Olivero e aprende a respeito da restituição, ou seja, aprende a reconhecer que a vida é um dom de Deus e, por isso, a restituição dos próprios bens, das próprias capacidades, do próprio tempo e de todo recurso à humanidade que geme, é sua consequência lógica. A paixão pela moda, pela comunicação do bem é, então, concretizada ao comunicar coisas belas com as *tshit*, ao escrever frases com motivação nas camisetas vendidas por certo preço e, ainda, reservando um percentual do lucro a ser doado aos pobres».

Recoloquemo-nos em caminho na estrada da Paz

Para a *Marcha Perugia-Assisi*, em 7 de outubro de 2018, por ocasião do 70º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos (10 de dezembro de 1948).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é a Carta que, depois de uma terrível série de guerras e carnificinas, colocou a humanidade no caminho da Paz.

Para o direito internacional, é a bússola que nos ajudará a sair da grave crise geral a que fomos empurrados, e a reencontrar o caminho rumo a um futuro melhor para todos.

Retomemos nas mãos esta bússola! *Redescubramos* sua utilidade e seu valor! *Aprendamos* a usá-la e *nos recoloquemos, imediatamente*, em caminho na estrada da Paz.

Há muitas coisas a serem feitas. *Compartilhemos* a denúncia, mas, também a busca das soluções. *Invistamos* nos jovens. *Desertemos* a competição. *Ousemos* a fraternidade. *Descubramos* juntos a importância e a beleza do cuidado. *Assumamos* a responsabilidade de proteger. *Façamos* crescer a economia da fraternidade. *Eduquemo-nos* à Paz. *Ponhamos um ponto final* às guerras. *Caminhe*mos juntos pela estrada que regenera a confiança, a esperança e a vontade de mudança. *Construamos* uma política nova, baseada no respeito à “dignidade de todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis”. *Escolhamos* a não violência. *Defendamos* e *construamos* uma sociedade inclusiva, solidária, acolhedora... de Paz!

Coragem a todos/as os/as artesãos/ãs da Paz!

A não-violência como relação justa

Julia Arciniegas – Martha Séide

j.arciniegas@cgfma.org – mseide@yahoo.com

Partindo da violência como primeira falha do homem, a contribuição oferece uma breve reflexão convidando a passar de uma cultura da violência à não-violência como relação justa. Sendo tipicamente humana, tal relação refere-se à ecologia humana que está no coração da ecologia integral.

■ A violência, primeira falha da humanidade

O sonho de Deus de criar uma família universal, uma comunhão em que todos, irmãos e irmãs, estivessem ligados pelo mesmo amor por Ele, viu-se logo rompido (cf LS 89, 92). A violência entrou no mundo com o primeiro homicídio fratricida. A criação permaneceu envolvida por uma guerra interna que quebrou os laços, não só entre os homens, mas entre eles e o jardim terrestre. Aquela violência que está na origem do pecado manifesta-se também nos sintomas de doenças que nós experimentamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos (cf LS 217).

Não obstante esta falha, Deus escolheu “erguer sua tenda” neste pequeno planeta que se tornou uma casa para a vida em abundância na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo (cf LS 99). Todavia, o coração do homem permaneceu ferido, mas é sempre árbitro da própria liberdade.

As guerras existentes, as causas que as desencadeiam e as consequências que delas derivam, hoje ensanguentam muitas partes do mundo enquanto muitas outras guerras ameaçam explodir com renovada violência, sustentadas pelo advento da ameaça nuclear utilizada como finalidade bélica. *Podemos afirmar que a nossa cultura é uma cultura da violência?*

■ De uma cultura da violência a uma relação justa

Segundo o estudioso Domingos Muscò, «A cultura da violência repousa sobre um modelo antropológico que vê a guerra como um fator justo porquanto vê no homem o dominador da natureza; mas, na realidade, a violência é uma criação do homem para dar vazão à sua agressividade segundo uma lógica de escopo e domínio, onde se leva em conta a força como instrumento de resolução do conflito». (Por uma cultura da não-violência, 12). A partir desta perspectiva, justifica-se ainda hoje, a guerra dita “humanitária” que esconde interesses ocultos, prolongando a cadeia dramática da violência bárbara às custas das populações mais vulneráveis. Diante desses cenários, ocorre cultivar a capacidade crítica para ter instrumentos não só para identificar a violência inerente ao sistema sócio-político dominante, mas sobretudo para entender os mecanismos que estão na base desta relação bélica entre os povos, e trabalhar para a construção de uma relação justa. Tal relação convida a um outro modo de conceber o homem, não mais como dominador arrogante da criação, mas administrador responsável. Neste sentido, como indica a prof^a Spólnik na escola do mestre F. Ebner: «A relação justa é uma relação ordenada, apropriada ao homem, em conformidade com sua natureza íntima, precisamente o que queremos para o homem, e que lhe é peculiar. O adjetivo ‘justo’ remete imediatamente à necessidade de agir de modo justo para viver as relações justas. Viver as relações, em particular vivê-las de modo justo, implica um modo de agir perfeitamente humano. Isso põe para cada homem um real dilema existencial, experimentado, em medida diversa, ao longo de todo o arco da existência». (O encontro é a relação justa, 182).

Para sustentar esta visão ocorre o empenho urgente, de uma parte de potencializar o processo de construção da sociedade civil não-violenta e, da outra de cuidar da casa comum em todos os seus aspectos. Neste sentido, a relação justa conjuga-se de modo eficaz com uma ecologia humana que se encontra no coração da ecologia integral (cf LS 137).

■ A relação justa como ecologia integral

«Se o homem é um ser relacional, o problema fundamental da sua existência é compreender de que modo ele deve relacionar-se com o mundo em que está inserido». (Spólnik 183), considerando não apenas o mundo dos próprios semelhantes, mas também a criação. De fato, «a existência humana baseia-se em três relações fundamentais estreitamente conexas: a relação com Deus, com o próximo e com a terra» (LS 66). Eis porque a ecologia humana está no centro da ecologia integral. Se o homem não valoriza as próprias peculiaridades de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade para entrar em relação com as outras criaturas de modo justo, há o risco da ruptura que, como consequência, leva ao conflito e à violência.

Portanto, como evidenciam alguns comentaristas da *Laudato sí'*, a ecologia integral nos remete à ecologia humana, até a algum tipo de ecologia espiritual: o olhar para a criação nos remete à intimidade com Deus Pai, o cuidado com a casa comum permite ainda aquele comovente «sentir-nos em casa» (LS 151), que é a compreensão no profundo de que «todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu afeto sem medida para conosco» (ivi 84). Nesta linha, pode-se entender a relação justa, como relação na abertura pessoal às realidades espirituais. Isto implica a capacidade de cultivar, de um lado a interioridade para fazer convergir as próprias escolhas à plena humanização de si, e do outro lado a abertura ao outro que requer o encontro no reconhecimento mútuo da nossa vocação à reciprocidade (Spólnik 184-187). Portanto, para se viver a relação de modo apropriado, ocorre transformar a cultura da vivência em cultura do encontro.

“Viver as relações de modo justo implica um modo de agir perfeitamente humano” (M. Spólnik)

■ A não-violência como cultura do encontro

A cultura do encontro é um tema muito recorrente no ensinamento do Papa Francisco que o contrapõe, muitas vezes, à cultura do descarte que gera o desperdício dos recursos, a exclusão, os preconceitos, a

indiferença e a violência. O convite dirigido aos crentes e a todas as pessoas de boa vontade é superar todos os obstáculos para aprender a arte do diálogo autêntico, a fim de que o encontro se torne cultura que permeie toda a civilização humana em uma pluriforme harmonia (cf *Evangellii Gaudium* 220). Isso implica, segundo o Pontífice, a capacidade de cultivar a atitude da atenção, da escuta, da compaixão, a coragem de parar para dialogar e não só negociar, dirigir uma palavra, um sorriso porque muitas vezes as pessoas se cruzam, mas nunca se encontram. É um empenho que diz respeito a todos, assim como o da não-violência na linha do grande mestre italiano Aldo Capitini quando afirma que a «não-violência não diz respeito apenas aos justos e às situações dos indivíduos; antes, ela enlaça e une as pessoas, fraterniza multidões; é preciso vê-la precisamente sob este aspecto. (Capitini 1967b, 30). No seu discurso, no Convênio eclesial nacional de Florença, em 2015, o Papa Francisco recomendou, de maneira especial, a capacidade de diálogo para uma cultura do encontro. «Além disso, lembrai-vos de que, o melhor modo para dialogar não é falar e discutir, mas, fazer alguma coisa juntos, construir juntos, fazer projetos: não sozinhos, entre católicos, mas juntamente com todos aqueles que têm boa vontade». É um convite a ser acolhido e transformado em percursos educativos que possibilitem o acompanhamento das novas gerações, em vista da construção de um humanismo solidário.

«Nós propomos que a Igreja católica desenvolva e leve em consideração a passagem a uma aproximação de Paz justa baseando-se na não-violência evangélica» (Pax Christi International, e outros)

■ Educar na relação justa e para a relação justa

A experiência cotidiana e as pesquisas sustentam que grande parte da nossa vida e do nosso ser estão profundamente condicionados pelo contexto relacional em que vivemos. Por isso, a educação é questão, sobretudo, de fatos. Os educadores são chamados a criar as condições favoráveis para facilitar esta árdua tarefa. A relação educativa torna-se progressivamente uma experiência de encontro capaz de

«suscitar a dinâmica pessoal e interpessoal que inicia o outro no mistério do encontro com um acompanhamento pessoal de verdadeiro iniciador/a» (Spólnik, 2004, 299). Eis porque a educação à relação justa deve acontecer de forma apropriada onde o educador é o primeiro que conhece o caminho certo a ser percorrido, e empreende com a pessoa em crescimento, a viagem para casa, ou, que a conduz à descoberta da verdade do próprio ser na abertura aos outros. Neste caso o educador é uma testemunha do encontro marcado pelo amor, pelo dom, pela liberdade e pela reciprocidade.

Na ótica da ecologia integral, a experiência do clima relacional tem implicações práticas na relação com as coisas e o mundo circunstante. Neste sentido, educar as novas gerações à não-violência é restituir a esperança de que é possível realizar uma sociedade solidária neste mundo onde a resolução dos conflitos, inerentes a cada âmbito da existência humana, pode advir não com a força das armas, mas com a força do amor recíproco.

PRIMEIRO PLANO *Fio de Ariadne*

Geração iGEN: oportunidades, riscos e desafios educativos

Luisa Nicolosi, FMA
lunicolosi@tiscali.it

Vivemos numa sociedade em constante mudança, em que Internet e tecnologia digital permeiam a vida de grandes e pequenos, aumentando as oportunidades de conhecimento e partilha juntamente com os riscos e os desafios educativos da atual sociedade globalizada. Entre os instrumentos digitais, o smartphone tornou-se parte integrante do modo de pensar, de comunicar e de escolher. Cada aspecto do cotidiano está, de

fato, condicionado a este “telefoninho inteligente” capaz de fazer foto, descarregar vídeo, navegar na Internet mandar email e estar em contato perene com os outros.

■ **Juntos na Rede**

São os adolescentes, sobretudo, os grandes fruidores do smartphone, a tal ponto que se fala de **Geração iGEN** – ou seja, iPhone Generation – para indicar os jovens de 13 a 19 anos que cresceram com o smartphone nas mãos e vivem a sua vida social no telefone. Em particular, os pré-adolescente usam o smartphone para jogar, descarregar vídeo, escutar música, enquanto os adolescentes e os jovens o utilizam para bater-papo, postar conteúdos produzidos ou compartilhados pela Web. Também os adultos se servem dele para ficar informados e enfrentar numerosas situações da vida cotidiana e profissional.

Nas famílias com adolescentes, a comunicação no chat representa um regulador emotivo para gerir os conflitos e para trocar apreciações, pois, dizer “*tbv*” ou “*desculpa*” por sms é menos embaraçoso do que dizê-lo pessoalmente. De fato, sempre com mais frequência os pais e filhos conversam por meio do chat e em torno do uso do celular concentram-se as lutas de poder para negociar tempos e espaços em que é lícito ou conveniente utilizá-lo. Tanto os jovens como os pais o consideram um instrumento essencial para se comunicar, para facilitar a organização da vida familiar e por serem manejáveis em caso de necessidade. Para os adolescentes, o uso do celular não reduz a conversa nem limita o aprofundamento da cultura, ao contrário, estimula a aprofundar o conteúdo de uma notícia em rede lida por acaso, e permite superar o gap comunicativo intergeracional e transgeracional.

No mundo eclesial, a utilização do smartphone é frequente e não só entre os jovens consagrados. A difusão da internet e das redes sociais na Igreja está transformando as interações e a ação pastoral também entre religiosos, sacerdotes e leigos. Muitas vezes os jovens da “Selfie Generation” se comunicam facilmente e em profundidade no chat com um sacerdote ou uma religiosa, afrontando também discursos sobre a vida pessoal, as questões de fé, o discernimento vocacional, pedindo-lhes ser

uma presença educativa e evangelizadora também nas plataformas digitais, onde é possível anunciar o “Evangelho da Vocação”. Nas comunidades interculturais o celular, além disso, meio de comunhão com as famílias e as comunidades dos países de pertença, e permite compartilhar e sentir-se próximos, mesmo morando longe. É importante ter sempre presente que, no acompanhamento educativo, como na vida fraterna, a comunicação *online* é complementar, não substitutiva ao encontro face a face, e que um telefonema é, humanamente falando, mais enriquecedor do que um sms.

■ As armadilhas da Rede

Do ponto de vista das funções psicológicas é certo que a Web influencia os jovens a construir a própria identidade, a visão do mundo e o seu ser no mundo: postar um texto, uma foto ou um vídeo não é apenas um modo de afirmar a própria presença na plataforma digital, mas satisfaz a busca de *aparecer para ser*, a necessidade de agradar aos outros para receber confirmação do próprio valor e de sentir-se parte de uma grande comunidade midiática. Segundo o psicoterapeuta **Di Gregorio**, as novas tecnologias, se de um lado oferecem grandes possibilidades de troca, simplificam a vida e melhoram a comunicação a distância, do outro tornam os jovens e adultos menos capazes de atenção e de empatia com quem lhes está defronte e favorecem a disseminação do narcisismo digital. Expressão, esta, típica da *sociedade dos selfie*, um neologismo usado para indicar o sistema social em que cresceu excessivamente o culto de si mesmo e a autocelebração da própria imagem por meio da prática do selfie autorretrato fotográfico. O smartphone é o instrumento por excelência que incrementa esta nova forma de autoafirmação e de valorização de si na Rede, e pela curiosidade de olhar a vida dos outros com um conseqüente aumento de experiências depressivas, vulnerabilidade e incapacidade de codificar e modular as emoções na relação interpessoal substituída por aquela mediada pela tela de um smartphone ou de um tablet.

Do Relatório anual do Observatório Nacional Adolescência 2017, emerge que entre os riscos em aumento para adolescentes que utilizam o smartphone sem

uma adequada supervisão do adulto, estão também – além do cyberbullismo – o *grooming* ou engodo online de adolescentes em rede da parte de adultos que se escondem por trás de falsos perfis; o *binge watching*, entendido como o empanturrar-se de vídeos e de séries TV em streaming; o *sesting* isto é disparar selfie ou filmar vídeo com fundo sexual e enviá-los para chats; a *revengeporn*, ou seja, o vingar-se por meio da publicação na mídia social de material íntimo e comprometedor, com a finalidade de causar dano a outra pessoa, até provocar ansiedade, depressão e suicídio; o *KILFIE* ou *selfie killer*, ou seja, os selfie nos quais, mesmo para obter *like* e partilhas, arrisca-se também a vida; a *nomofobia* – literalmente medo de permanecer desconexos do contato com as redes de telefonia móvel até experimentar ansiedade e mal-estar, inquietação e agressividade, pondo em ato estratégias obsessivas que, como em outras formas de dependência, limitam a possibilidade de conduzir serenamente a vida (cf. www.adolescencia.iobservatorio).

■ As competências midiáticas

Diante desses riscos, a estrada do proibicionismo ou do terrorismo psicológico sobre os perigos da Rede resulta ineficaz e arrisca afastar os jovens de uma cidadania digital consciente. Já que a proteção da juventude passa pela alfabetização digital dos adultos, uma estratégia eficaz para contrastar esses riscos é educar-se e educar às competências midiáticas levando em conta que os menores têm necessidade de modelos para aprenderem a utilizar a mídia de modo responsável. A competência midiática vai além do simples domínio da técnica. Implica saber usar com prudência os dados pessoais em rede, valorizar as informações de modo crítico, respeitar as regras sociais também na Web e utilizar a mídia para favorecer uma participação ativa na vida social. É útil, de fato, estimular a reflexão e o confronto sobre os riscos e sobre as oportunidades das novas tecnologias e da Rede, dialogando, por exemplo, sobre os perigos das Redes sociais ou sobre os efeitos emotivos de um videogame, motivar as regras que limitam o uso da mídia e promover o confronto entre iguais, em um processo de corresponsabilidade educativa em que os jovens ajudam os adultos nos conhecimentos técnicos, e os adultos, por

sua vez, educam ao senso de responsabilidade e espírito crítico, no uso da tecnologia (cf. WWW.giovanimedia.ch/it). Hoje, como no passado, é necessário que as crianças e os jovens da iGEN sejam educados, por meio das relações face a face, a desenvolver as habilidades sociais necessárias para a vida comum, como a empatia, o sentido de si e do outro, o respeito pela diversidade, a gestão saudável dos conflitos. Talvez assim se possa evitar que se torne realidade a apreensão do jovem escritor estadunidense Jonathan safran Foer: *“Temo que quanto mais tivermos o mundo ao nosso alcance, tanto mais longe estará o nosso coração”* (Foer J. S. *“Tão conexos e tão distantes”*, Corriere della Sera, 13 de junho de 2013).

Para aprofundar:

- De Gregorio Luciano, *A sociedade dos selfie. Narcisismo e sentimento de si, na época do smartphone*, F. Angeli, 2017.
- Marchetti Rita, *Presença e utilização das novas tecnologias e da internet, no mundo eclesial*, em: Pasqualetti Fabio (ao cuidado de), *Repensar a comunicação*, 2015, Las Roma.
- Vetri Orsola, *A Família? Buscai-a dentro do WhatsApp*, em *Família Cristã* n. 45, 5 de novembro de 2017, pag. 31-32.
- Sobre as competências midiáticas: [HTTP://WWW.educa.ch/it/guides](http://WWW.educa.ch/it/guides)

DOSSIÊ

Educar é... explorar novos atalhos

PG CIAM ao cuidado de Elena Rastello, FMA
elenarastello@cgfma.org

A África é o berço da humanidade, o terceiro continente mais extenso do planeta e aquele com maior número de Países: 54. Habitado por mais de 1,2 bilhões de habitantes, é também o continente mais jovem do planeta, com uma variedade inimaginável de

paisagens, etnias, línguas... Aqui, em 94 comunidades educativas, em 22 Países da África e de Madagascar, as Filhas de Maria Auxiliadora estão empenhadas cotidianamente no serviço educativo, segundo o estilo do Sistema Preventivo de Dom Bosco e de Madre Mazzarello.

NA ESCUTA DA ÁFRICA E DOS SEUS JOVENS

■ Jovens mulheres que implementam a mudança

«Papa Francisco, eu lhe sou grata, assim como cada jovem da África: juntos desejamos vivamente que este encontro assinale a possibilidade de implementar uma mudança em nossa vida de jovens, nas sociedades em que vivemos, na Igreja, que sentimos nossa, e sobretudo em nossas famílias». Assim concluiu a sua breve apresentação da África e as expectativas dos jovens para o continente africano, a jovem **Tendai Karombo**, Presidente do Conselho Nacional dos jovens católicos do Zimbábue, ao Papa Francisco e aos jovens presentes na Reunião pré-sinodal, em março de 2018. Ela descreve os desafios dos jovens no continente, falando sobre as condições sócio-econômicas que bloqueiam o seu crescimento, sobre a exploração do trabalho infantil, a desintegração da família e o caos da sociedade.

Sucessivamente, **Blessing Okoedionm**, jovem nigeriana vítima do tráfico, a respeito do qual relata a sua história no livro *A coragem da liberdade*, Ed. Paulinas 2017, faz uma pergunta provocadora no diálogo com o Papa: *«... com a fé em um Deus que não dorme, encontrei a coragem de denunciar e sair daquele inferno, e agora faço meu o grito de ajuda e de libertação de tantas jovens mulheres, minhas irmãs, ainda hoje humilhadas e escravizadas. Como ajudar os jovens a tomar consciência deste “crime contra a humanidade”, como ajudá-los a permanecer humanos e a contrastar e vencer uma mentalidade doentia que reduz a mulher a escrava, a propriedade do homem, a mercadoria para dar lucro, ou ao próprio prazer egoísta? Querido Papa Francisco, o que mais me preocupa é precisamente a questão: entre os numerosos clientes, muitos deles como foi dito, são católicos. Pergunto-me e te pergunto: mas a Igreja, ainda muito machista, é capaz de questionar-se com*

verdade sobre esta alta demanda dos clientes? Pode ser confiável ao propor aos jovens caminhos de relação entre homem e mulher, livres e libertadores?».

O Papa Francisco usou palavras que tocaram no profundo a sensibilidade de **Tinyiko Joan Ndaba**, jovem sul africana, comprometida com a Associação *Talita Network* na prevenção do tráfico de pessoas em Pretoria. «As palavras do Papa nos demonstram todo o seu apoio. Suas palavras nos dizem que está conosco no combate dessa chaga cujas principais vítimas são, infelizmente, os jovens e os pobres. Está mostrando ser um Papa capaz de sair, de abraçar a humanidade, sobretudo a mais sofrida. Do Sínodo? Espero que a Igreja dê aos jovens uma oportunidade, pois, eles têm grande potencialidade, são capazes de mudar o mundo».

“Nós, jovens, aspiramos que cada pessoa se sinta responsável na vida dos jovens, como diz, de fato, um provérbio africano: *É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.*

Os jovens esperam:

- numa sociedade inclusiva;
- numa Igreja que esteja pronta e disposta a transformar-se a si mesma, e seja força transformadora também para os seus jovens;
- numa sociedade de paz e livre de conflitos;
- no acesso à educação para todos, para que se possa viver em comunidades que ofereçam progresso e desenvolvimento aos cidadãos;
- numa Igreja sempre ativamente empenhada em aliviar as pessoas e a sociedade de problemas e questões críticas, em solicitar a comunidade a procurar alternativas evangélicas e de justiça;
- nas suas possibilidades, de poder contribuir e empenhar-se, de modo significativo, ao crescimento e ao desenvolvimento da Igreja na África.

Concluindo, quero agradecer ao Santo Padre, o Papa Francisco, por amar os jovens, por acreditar em nós e por ter-nos oferecido esta oportunidade de olharmos para dentro de nós mesmos e entrarmos no jogo como jovens responsáveis”. (*Tendai Karombo, Roma 19 de março de 2018*).

■ Deixar-nos educar pelos jovens

Já faz tempo que temos em mãos o *Instrumento de trabalho* do Sínodo, que estamos aprofundando nas comunidades educativas: cinco capítulos que apresentam uma Igreja que *reconhece* os jovens na realidade, com o olhar confiante dos discípulos, das discípulas de Jesus. Não se trata apenas de uma boa análise do contexto juvenil mundial, são páginas que nos estimulam à conversão, a nos tornar povo de Deus que cuida de crianças, adolescentes e jovens.

Ter cuidado, ficar com eles, ficar ao lado deles. São as convicções compartilhadas durante o Capítulo Geral XXIII, no diálogo com os jovens procedentes das Inspetorias do mundo. Expressam o empenho a deixar-se educar e evangelizar pelos jovens, como aconteceu na comunidade de Junín de los Andes, que se deixou provocar e viver o Evangelho mais radicalmente, a exemplo da santidade de Laura Vicuña.

Os jovens nos pedem para sermos uma Igreja mais autêntica, mais relacional, mais empenhada na justiça. Eles são resilientes, capazes, criativos, sabem mobilizar-se pelas causas em que se sentem diretamente envolvidos, exercem um autêntico protagonismo, sabem ser portadores de um estilo inspirado no Evangelho. E querem realizá-lo com a Igreja.

FÉ, DISCERNIMENTO E ACOMPANHAMENTO

■ Comunidades Educativas que transformam cultura e sociedade

Já faz alguns meses, encontraram-se no Quênia as Filhas de Maria Auxiliadora, animadoras e coordenadoras da Pastoral Juvenil, procedentes de 22 Países da África e do Madagascar em que 94 comunidades educativas de escolas, oratórios-centros juvenis, casas-família, centros profissionais. Instituições de Estudos Superiores, cotidianamente encontram milhares de meninos, meninas, pré-adolescentes, adolescentes, jovens, suas famílias, educadores e educadoras: com o Sistema Preventivo, estão transformando culturas e sociedade.

Juntamente com os desafios e as necessidades, um tesouro precioso está presente no coração da África, *imenso pulmão espiritual* de uma humanidade provada pelas crises de fé mas que, graças

às extraordinárias riquezas humanas e espirituais de seus filhos, das suas culturas multicoloridas, do seu solo e subsolo cheio de recursos, olha para a frente com esperança.

É uma grande riqueza a força da *comunidade que educa*, que cria o ambiente tipicamente salesiano, onde se respira uma atmosfera de alegria e entusiasmo, um estilo de família, acolhida e respeito; a razoabilidade das propostas educativas integrais; a valorização da música, do esporte, da dança, do teatro e da festa; as celebrações dos sacramentos inseridos no caminho cotidiano de pequenas comunidades cristãs que vibram em territórios geográficos extensíssimos, com rostos e línguas variadas.

Mulheres que, educadas, educam a comunidade social: a alegria mais bela é ver crianças, adolescentes, mulheres jovens que sabem enfrentar a urgente exigência de ser e de se tornar educadoras salesianas competentes e proféticas, juntamente com os leigos nas comunidades educativas, testemunhas, que vão ao encontro dos jovens escolhendo o caminho exigente da confiança, de estar com os jovens, de passar o tempo com eles na escuta, na gratuidade; com dignidade e estima; valorizando plenamente a visão africana da vida e vivendo o respeito profundo, sobretudo nos ambientes multirreligiosos onde estão presentes o Islã e a religião tradicional africana.

Educar “salesiana-mente”, com a mente, o coração e as mãos em sintonia com Maria Domingas Mazzarello e Dom Bosco, significa para as comunidades *partir dos pobres* em uma transformação social que descobre recursos e oportunidades, também diante do analfabetismo, das guerras, da fome, da exploração, das migrações.



JOVENS E CRISTÃOS, PARA QUE A ÁFRICA SEJA O PULMÃO ESPIRITUAL DO MUNDO

Jovens, cristãos, cidadãos: entre a formação da consciência e exigências de justiça e paz, de desenvolvimento sustentável e ambiente.

Jovens e cristãos que lidam com as mudanças antropológicas e culturais, com a valorização, o diálogo e a troca, com a cosmologia africana que inclui os antepassados, crianças que devem nascer, com toda a criação.

Jovens que acreditam na família, no seu potencial e nos seus valores, mesmo se diante da ocidentalização da cultura.

Jovens e cristão que se formam com a Bíblia, que anunciam o Evangelho, que nos pedem para acompanhá-los ao encontro com Jesus que muda a vida, em ambientes saturados de valores humanos e cristãos, que propõem silêncio e serviço, formação e oração, alegria e empenho, em que adolescentes e jovens se abrem à questão e à pesquisa. Eles são habitualmente tocados pelo espírito de família, pelo respeito e pela bondade com que são tratados, pela qualidade daquilo que recebem: cultura e profissionalismo que os faz descobrir, talvez pela primeira vez que, também eles, possuem uma dignidade. *Que ótimo campo este, para se viver em profundidade o princípio preventivo do ponto acessível ao bem, da visão antropológica positiva dos jovens que aprofunda as raízes no humanismo cristão e na referência à pessoa como imagem de Deus!*

Jovens missionários dos jovens no Movimento Juvenil Salesiano, com a espiritualidade salesiana, a animação e a missionariedade, responsáveis pela missão com a gratuidade no serviço, na lógica do dom e com o profundo senso do sacrifício: é a coragem de enfrentar a vida com uma atitude positiva e de esperança em vista da realidade.

Jovens, riqueza da África: entre fé empenhada e coerente, e vida a 360°. Estudo, valor do tempo livre, cultura, profissionalismo, inserção responsável no trabalho, economia civil e empreendedorismo.

A AÇÃO PASTORAL

■ Um continente jovem onde o Sistema Preventivo 'fala' e desafia

Uma mãe, quando sua criatura ainda não é capaz de verbalizar as necessidades fundamentais, consegue entendê-la garantindo-lhe o necessário para viver. Somos homens e mulheres, em caminho para compreendermos, cotidianamente, o mistério da vida que nos envolve, para – em particular no continente africano – descobriremos o 'ser para' da mulher que percebe antes e age sobre aquilo que, de essencial, está sucedendo e faltando ao redor da mesa da humanidade, sabendo ver o ponto focal com a inteligência do coração e, não só, por meio do raciocínio ou da análise imediata e pontual de todos os elementos.

O suporte entre os educadores, o contínuo estar entre os jovens para orientar, lembrando a motivação do serviço, o estar presente nos seus grupos e em tantos momentos da vida cotidiana, o contínuo remotivar as decisões tomadas: tudo parece um *simples acompanhamento do grupo*, mas é, sem dúvida, a intervenção educativa que dá frutos nas atitudes e nas escolhas da vida juvenil.

Escutando a história da vocação de muitas Irmãs africanas percebe-se que o calor, a espontaneidade, o dar espaço à aproximação amigável têm suscitado o senso de responsabilidade e de liberdade na resposta.

Nas casas-família, nos oratórios, nos centros profissionais muitas jovens demonstram continuamente sua resiliência: revelam-se inteligentes e enérgicas na superação das situações, mesmo aquelas muito difíceis; hábeis, criativas, sábias em alavancar seus recursos para *mudar a estrada*, tornando-se elas mesmas sujeitos da pastoral para a recuperação e a inserção. A interiorização do projeto educativo integral tornou-se estímulo e motivação para ajudar outros no mesmo percurso.

A inteligência do coração tem ensinado desde sempre às comunidades educativas FMA a procurar e a acolher a colaboração de outras forças, não eclesiais, mas de autêntica sensibilidade humana. O *ato de colocar em rede* o que já existe num certo território para a troca de boas experiências e também para um eventual apoio, ajuda a sociedade a

conscientizar-se, a responsabilizar-se e a alimentar em si mesma um saudável senso de inquietação com relação aos pequenos e aos jovens para dar novos e alternativos passos de inclusão.

■ Autorizados e confiáveis na história dos pequenos e dos jovens

A imagem da parteira – típica do continente africano – inspira-nos neste tempo sinodal. Ela desempenha um papel importante, mesmo não sendo central, no acompanhamento do pequeno que nasce para a vida. Não tem nenhuma ligação com a concepção e não é ela que sofre as dores do parto, porém está presente, está ali, facilita, acompanha a vir à luz, à vida. Temos apenas uma frágil influência sobre a fé real e é importante perceber como é comvente a realidade de acreditar na Redenção de Cristo, mesmo quando ela possa parecer muito fraca ou dar a impressão de se tornar verdadeira, muito lentamente.

Quando esta fé-confiança se enraíza no trabalho educativo de uma comunidade, percebe-se um impulso espontâneo ao serviço generoso e voluntário ao próximo, sobretudo aos pequenos e pobres. Aqui a arte educativa da parteira exprime-se em identificar o impulso da vida que emerge, e em facilitar o seu nascimento. Aquele, aquela que educa não é a causa do impulso a ser servido generosamente, mas pode perceber as nuances da vida dos jovens, desempenhando um papel ao orientar e ao ser mediação da graça de Deus.

Eis a tarefa: ficar ao lado, caminhar junto segundo os tempos do crescimento humano, facilitar o encontro da graça entre os pequenos, os adolescentes e os jovens e o Senhor Jesus. Para aqueles que descobriram que não estão sozinhos, mas protegidos por um Deus que é Pai amoroso e Mãe terna, é uma urgência profunda poder partilhar a experiência de um Deus tão próximo, sempre invisivelmente ao nosso lado.

■ Lames entre gerações

Numa manhã límpida de alguns anos atrás, com um grupo de jovens estávamos começando a escalar o Monte Kenya com passo decisivo, forte, enérgico. A paisagem em nosso entorno era esplêndida e fresca. Ao longo do caminho, no atalho defronte a nós, uma mulher idosa, com passo cansado e lento, caminhava encurvada sob o peso de

um feixe de lenha para a sua lareira e, mesmo ciente da nossa presença, sem voltar-se, com naturalidade, colocou-se de lado na trilha para dar-nos passagem. Com simplicidade e respeito os jovens escolheram ralentar o passo e, em silêncio, colocar-se em seu ritmo. Fizemos um trecho do caminho juntos e percebemos a ligação profunda e harmônica que se havia estabelecido entre nós e a mulher idosa, na lenta marcha no ritmo da respiração: pudemos apenas ver o seu rosto enrugado e sentir a sua bênção em nossa caminhada. Ela se desviou para um outro atalho e nós prosseguimos na subida. Sentimo-nos acolhidos e acompanhados. Havia-se criado um liame entre gerações, apenas caminhando no mesmo ritmo, no ritmo dela! Naquele ritmo lento e cansado ela havia deixado para nós, invisivelmente, algo de si e da sua existência passada, quando certamente era outra a sua energia, a sua força.

Uma lição importante a do liame entre as gerações, que o continente africano dá à humanidade de hoje, como cosmovisão que enche de esperança. De fato, comunica-se realmente, apenas quem se descentraliza, quem parte do outro, dali onde a outra pessoa se encontra, mesmo se for difícil, confiando ao *kairós*, o momento amoroso e oportuno, no qual Deus se faz encontrar, comunica-se e nos convida a criar algo novo, a explorar novas trilhas.

O ÍCONE DO CRISTO E DO AMIGO

“No final do primeiro encontro na África, da comunidade de Taizé, na *Mji wa furaha* - Cidade da alegria, de Nairobi, em novembro de 2008, Irmão Alois deu aos jovens representantes de cada nação presente uma belíssima reprodução de um ícone típico de Taizé, o de “Cristo e o amigo”, augurando aos sete mil jovens que o escutavam a alegria do caminho em companhia de Jesus, como seus verdadeiros amigos.

A partir daquele encontro, mensalmente continuamos a nos encontrar para refletir, rezar e empenhar-nos diante daquele ícone: é uma das imagens que mais significativamente falam ao nosso coração, sobre Jesus, o Amigo que está ao nosso lado, nos acompanha, caminha conosco; ...

... contemplando o ícone, notamos logo que os dois personagens, Jesus e o seu amigo, se assemelham: a mesma altura, a mesma silhueta, o mesmo olhar e a mesma luminosidade, mas não são idênticos. As cores, o amplo vestuário e os gestos são diferentes. Eles não se entre-olham numa relação que nos exclui, mas compartilham conosco os mesmos horizontes. Os seus rostos silenciosos, os seus grandes olhos estão abertos para acolher-nos na paz. .

Cristo é reconhecível pela cruz evocada pela auréola. Ao seu lado está um companheiro de viagem. O braço de Jesus está sobre os ombros do amigo, não de modo possessivo, mas para mostrar-nos o laço que os une e a responsabilidade que Jesus confere ao amigo: ele se volta para o companheiro, encontra apoio nele, e o encoraja a ir adiante.

O companheiro, encorajado por Cristo, faz um gesto esplêndido, o último de Jesus na sua vida terrena (cf *Lc, 24, 50*):

Ele bendiz o seu Senhor, manifestando e celebrando Deus Pai que quer dar-nos vida em abundância.

Cristo, a Palavra em pessoa, tem entre as mãos um grande e precioso livro, o discípulo amigo, um pequeno rolo: a Boa Notícia. Cristo acompanha o amigo a proclamar o Evangelho em todo o mundo.

Ao contemplar este ícone, nós jovens percebemos o chamado a sermos amigos de Jesus, sentimos que, nós mesmos podemos ser aquele companheiro de caminho de Jesus: um Deus que em Jesus nos chama de amigos porque compartilhou conosco tudo aquilo que aprendeu do Pai. Alguns de nós jovens, na oração diante desse ícone, entendemos que Cristo não trouxe apenas uma bela ideia, nova e genial, nem começou uma organização e uma estrutura eficaz, mas que se envolveu totalmente com a vida pela comunhão com cada pessoa e os povos de todos os tempos. É a amizade que o une a todos nós, seus companheiros. Não é uma relação entre professor e aluno, mas uma comunhão na qual nós nos pertencemos reciprocamente, em dom recíproco e acolhida cordial. Esta ligação não nos empobrece, não nos faz sentir menores defronte a Jesus, mas nos permite florescer e dar fruto lá onde escolhemos estar *por meio do outro e por causa do outro*”.

Os jovens de Mji wa furuha

Educadores que despertam a fé

■ **Mara Borsi, FMA**
mara@fmails.it

“Ao responder a quem encontrava, Jesus procurava a fé presente no outro, como se quisesse despertar e fazer emergir a sua fé”. Assim afirma Enzo Bianchi apresentando Jesus como educador da fé.

Ninguém pode crer no lugar do outro; a fé é um ato pessoal, que cada um deve realizar em liberdade. Jesus sabia que nos homens, às vezes, falta a fé, postura que o surpreendia e o tornava impotente para agir em favor deles (cf. Mc 6, 6). Estava ciente também de que, em seu nome, pode existir uma fé não confiável, despertada por Ele dar sinais, fazer milagres, como anota o quarto evangelho: «Vendo os sinais que fazia, muitos acreditavam no seu Nome; mas Jesus não lhes dava crédito». (Jo 2, 23-24), porque o homem se torna rapidamente religioso, mas é lento para crer.

Jesus procurava, em vez, em quem encontrar a fé autêntica, e quando ela estava presente, podia dizer: «A tua fé te salvou». Note-se que Jesus nunca disse: «Eu te salvei», mas «A tua fé te salvou» (Mc 5, 34); «Vai e seja feito segundo a tua fé». (Mt 8, 13); «Mulher, grande é a tua fé! Como queres, te seja feito» (Mt 15, 28).

Jesus tornava possível a fé ou fazia emergir a fé já presente no outro por meio da sua presença de homem confiável e hospitaleiro, que não diz ser Ele que está curando e salvando, mas a fé de quem a Ele se dirige.

No prólogo da Encíclica *Deus Caritas est* (2005) está escrito: “No início do ser cristão não existe uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro... com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, com isso, a direção decisiva” (§ 1)).

Muitas vezes esquece-se esta verdade e corre-se o risco de tornar estéril a missão e o esforço para comunicar o Evangelho. Precisamente porque o Evangelho é boa

notícia, ele quer alcançar o homem no seu coração e suscitar nele, em primeiro lugar, a fé na bondade da vida humana, de modo que ele possa empreender a aventura da existência acreditando no amor.

Jesus Cristo, o nosso pedagogo, traçou para nós o modelo da verdadeira vida e educou o homem que vive nele. Então, assumamos o estilo salvífico do nosso Salvador, nós os filhos do bom Pai e criaturas do bom pedagogo (Clemente Alexandrino, “O pedagogo” I, 98, 1.3).

É neste sentido que Jesus ensinava que nada resiste à fé, mesmo quando ela é do tamanho de um grão de mostarda (cf. Mt 17, 20; Lc 17, 6), «a menor das sementes plantadas na terra» (Mc 4, 31); que é preciso não duvidar (cf. Mc 11, 23; Mt 21, 21), porque «*tudo é possível àquele que crê*» (Mc 9, 23); e se dizia empenhado em rezar a fim de que a fé de um de seus discípulos, Simão, não desfalecesse (cf. Lc 22, 32).

■ A vantagem recíproca

O educador, o animador de um grupo, a comunidade empenhada na evangelização dizem palavras que não dependem deles, cuja autoridade fundamenta-se em raízes mais distantes e decisivas. Ao mesmo tempo e com a mesma intensidade eles reconhecem que o direito à palavra que pretende suscitar a fé, exige um estilo e uma coerência de vida.

A educação é um processo que empossa, com plena responsabilidade, interlocutores diversos. Educadores e educandos são envolvidos numa relação que todos consideram indispensável para a própria vida e a do outro. No jogo interativo, a troca e o confronto são experimentados como vantagem recíproca.

O instrumento por meio do qual se produz a relação é fundamentalmente do tipo linguístico: a relação educativa é uma relação comunicativa. A «palavra» a constitui e a realiza. Cada um dos dois interlocutores diz alguma coisa ao outro, sujeitando à sua atenção um sistema de sinais destinado a lembrar conteúdos vitais: a proposta de um estilo de existência e de um projeto global de vida.

As mesmas coisas podem ser ditas a respeito da particular relação comunicativa que, na comunidade eclesial, chamamos de

«evangelização». A intenção recíproca última, é o crescimento na fé e na vida nova. O instrumento é a palavra, testemunhada e pronunciada a serviço da verdade, por quem tem competência para isso. Também neste caso, trata-se de uma relação que envolve, na mesma responsabilidade e na mesma paixão, quem evangeliza e quem é evangelizado.

■ Um estilo educativo

Hoje a questão, ao meu ver, é saber postar um modelo de relação educativa na qual se realize uma comunicação de estilo evocativo.

O educador que faz propostas «evocando», põe em causa as exigências fundamentais da vida, põe-se a serviço de projetos que o superam e o interpelam. Faz isso, porém, sem a pretensão de dizer as coisas em termos irreformáveis, como se a sua verdade fosse a única dizível. O modelo evocativo assegura também aquele envolvimento do interlocutor, que é condição irrenunciável de uma relação educativa. Ele o faz sem renunciar à sua função de adulto responsável e sem escorregar naqueles esquemas dedutivos que queimam, ao nascer, a possibilidade de uma real comunicação.

O educador relata a história de Jesus de Nazaré e a fé que muitos homens têm tido nele, com uma pretensão: pede para escolhê-Lo como o Senhor da própria vida, até «*enxergar a história como Ele, julgar a vida como Ele, escolher amar como Ele, esperar como ensina Ele, viver n'Ele a comunhão com o Pai e o Espírito Santo*». (RdC 38).

O educador invade assim o santuário intimíssimo da existência de uma pessoa, com uma proposta que subverte as lógicas dominantes.

O educador justifica a sua pretensão de ter algo de importante a dizer, quando fundamenta a pretensão de estar presente, como testemunha de eventos já dados, que medem cotidianamente a nossa subjetividade. Isto significa capacidade de pôr concretamente gestos para a promoção da vida. Significa sentir-se a serviço de um projeto que supera até mesmo os próprios sonhos e que inquieta, porque obriga a medir a distância que separa o vivido do desejado. Deste projeto o educador se sente «apenas» servidor, como Jesus dizia de si mesmo e

dos seus amigos, a respeito da vida, dom do Pai e empenho exigente.

UM PASTOR QUE CHEIRA A OVELHAS: JOSÉ GABRIEL BROCHERO

Papa Francisco canonizou o primeiro Santo argentino em 16 de outubro de 2016. Trata-se de José Gabriel Brochero comumente conhecido como o *cura gaúcho*

José Gabriel nasce nas cercanias de Santa Rosa de Río Primeiro (Córdoba) no dia 16 de março de 1840, é o quarto de dez filhos de uma família campesina. Em 1856 entra no seminário e em 1866 é ordenado sacerdote. Vive os primeiros anos do ministério sacerdotal como colaborador pastoral na catedral de Córdoba, e em 1869 obtém o título de professor de filosofia na Universidade da cidade. No final do mesmo ano é nomeado pároco de Santo Alberto, um lugarejo a três dias a cavalo, da cidade. A paróquia situada a dois mil metros de altitude conta com mais de 10 mil paroquianos que vivem em lugares isolados, inacessíveis, sem estradas e serviços sociais.

A partir da sua nomeação dedica toda a sua vida, não só a levar o Evangelho, mas também a promover a vida da sua gente por meio da instrução e de muitas iniciativas sociais. Realmente, com a ajuda dos seus paroquianos, constrói mais de 200 Km de estradas, escolas, igrejas e funda numerosos vilarejos. Chega até mesmo a projetar um ramo ferroviário para libertar os seus queridos montanheses da pobreza em que viviam, «abandonados por todos, mas não por Deus», como ele mesmo gostava de repetir. Ele se doa com generosidade, a todos, especialmente aos pobres e aos mais afastados, dentre eles também os numerosos leprosos dos quais contrai a doença que o leva à morte, em 26 de janeiro de 1914.

Brochero levou a sério as palavras de Jesus: «sereis minhas testemunhas» e as viveu suscitando em muitos a fé em Jesus Cristo. Verdadeiro missionário e educador da fé, viveu a **espiritualidade dos três A: aqui allí, Allá:**

1 - Aquí: aqui dentro do coração. A missão começa em nós mesmos. É necessário entrar no próprio coração, em profundidade e com sinceridade; muitas vezes é a viagem mais difícil e mais longa, a ser percorrida. **2 – Allí:** aqui e agora neste lugar. Na própria diocese, na própria paróquia, na própria realidade. **3 - Allá: lá, além.** Até os confins da terra que nos é confiada. Saber abrir as portas e deixar entrar, saber sair para além das fronteiras tradicionais. O caminho por ele realizado e compartilhado, parte de dentro, continua no aqui e agora para abrir-se e ultrapassar os limites e as barreiras.

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional

Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

“Se é verdade que Jesus se apresenta como modelo de obediência aos seus pais terrenos, ficando submisso a eles (cf. Lc 2, 51), é também verdade que ele mostra que a escolha de vida do filho e a sua mesma vocação cristã podem exigir um desapego para realizar a própria dedicação ao Reino de Deus (cf Mt 10, 34-37; Lc 9, 59-62). Além disso, Ele mesmo, aos doze anos, responde a Maria e a José, que tem uma missão mais elevada a ser cumprida, para além da sua família histórica (cf Lc 2, 48-50). Por isso exalta a necessidade de outros liames mais profundos dentro das relações familiares: ‘São minha mãe e meus irmãos aqueles que escutam a palavra de Deus e a põem em prática’ (Lc 8, 21)” (Papa Francisco, *Amoris laetitia*, n. 18).

Na linguagem dos jovens a palavra “vocação” é desusada, relegada às sacristias, aos padres e às freiras. Alguns ouviram falar dela, experimentaram talvez uma pressão excessiva para a vocação sacerdotal e religiosa, e se retraíram. Em qualquer caso eles não suportam as instrumentalizações, os velhos proselitismos, o objetivo de realizar invasão de vocações para engrossar as fileiras dos adeptos. Nem sempre eles respiraram nas Paróquias e nos Movimentos, a difusa e vivaz cultura de uma Igreja vocacional.

■ O chamado ao amor

Entendem o sentido da vocação ligando-a às histórias de vida de amigos e conhecidos que relatam eventos vividos, daqueles que vêm de fora, surpreendem e mudam suas vidas e foram recebidos de maneira sublinhada pelo Papa Francisco em

17 de novembro de 2017, na Universidade de Roma 3: «A época é diferente e devemos tomar as coisas como são. Estamos vivendo, não uma época de mudanças, mas uma mudança de época... Se não aprendermos a tomar a vida como ela é, jamais aprenderemos a vivê-la. É o primeiro passo. A vida assemelha-se um pouco ao goleiro da equipe que pega a bola de onde a jogam, e a vida deve ser tomada de onde vem!».

Há também eventos que acontecem silenciosamente dentro da alma, com inspirações, iluminações da consciência que agitam a vida habitual, a conduta de jovens habituados, talvez, a oscilar como o pêndulo, o dia inteiro e a ‘navegar para ver’, e se sentem chamados a fazer uma curva a bordo, a mudar de rota, graças a Alguém que se impõe na alma, de tal modo a não conseguir mais fazer outra coisa senão segui-lo.

Ninguém foi criado por acaso, ‘jogado’ no cosmo, como pensava *Sartre*. Todos fomos convocados à vida, a viver a ‘imagem de Deus’, tomando as distâncias de um estilo de vida individualista e aprendendo a *con-viver*, *com-partilhar*, *com-prometer-se*. Perceber isso significa sentir-se amados e convocados a algo de grande, intuir que, mesmo sem saber como, quando ou o quê acontecerá, não será mais possível arrastar a vida sem objetivos ou seguir estilos de vida equívocos. A vocação é sempre, para todos, um chamado ao amor e à relação com os outros, ninguém excluído, embora se articule de infinitos modos, como infinitas e únicas são as criações de Deus. Quando um jovem reconhece num evento o sinal do Espírito Santo que o solicita, pode decidir se corresponde ou não a tal chamado, se pode dar uma direção à sua vida e sentir em si a força e a alegria de desapegar-se da família natural, do passado, dos amigos, para segui-lo. Cada rapaz e cada moça percebe que ao responder ou não ao chamado, põe em jogo o próprio futuro e a própria vida.

A vocação é sempre, para todos, um chamado ao amor e à relação com os outros, ninguém excluído.

■ Escuta e discernimento

O chamado de Deus considera as forças e os talentos de cada um e por outro lado, se um jovem não responde àqueles talentos, àquela vocação, fica ‘triste’ (cf Mt 19, 16-22),

não pode ficar bem consigo mesmo. Cada um dá o melhor de si quando faz aquilo que ama, que o convence e o 'impõe' a um objetivo elevado que não se deu, intencionalmente, mas que valoriza o seu modo de ser e o orienta para o bem.

Não seria possível falar aos jovens de vocação sem um grande respeito pelos múltiplos percursos individuais. Pode-se apenas escutar os seus relatos, as suas aspirações, para colocar-se a seu serviço, para contribuir e afinar a alma, para valorizar as ideias e dar tempo à maturação interior, até que cada um tenha a clareza de como interpretar os eventos da própria vida, e orientá-la. As vocações são secretas e únicas, são questões a 'tu per tu' entre a alma e Deus. Existe um sacrário da consciência em que ninguém pode entrar sem ter medo, com boas razões, de poluir, ofuscar, desvirtuar.

■ Que vocação?

O chamado universal a fazer a vontade de Deus no seu diversificar-se gera chamados ao matrimônio, à *singletudine*, à consagração na Igreja sem vínculo de família, colocando-se simplesmente à disposição: «*Mas formaste-me um corpo. Não quiseste nem holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então disse: eis que eu venho, ó Deus, para fazer a vossa vontade*» (Hebreus, 10, 5-7).

Teresa de Lisieux, Doutora da Igreja, confirma: «*A perfeição consiste em fazer a vontade de Deus, em ser aquilo que Ele quer que sejamos*». Vêm-me à mente as palavras de Paul Claudel (1868-1955), contemporâneo de Teresinha (*Prólogo de O Anúncio a Maria*, Rizzoli, 2001): «*Não é à pedra que toca fixar o seu lugar, mas ao Mestre da Obra que a escolheu. Santidade não é fazer-se lapidar em terra de Paganía ou beijar um leproso na boca, mas fazer a vontade de Deus, com prontidão; permanecer no nosso lugar, ou subir mais alto*».

O campo das vocações está minado, difícil de ser atravessado sem afundar ou ferir e fazer sofrer. Nenhum jovem deveria pensar ter sido 'descartado', destinado por Deus a uma vocação residual relativamente àquelas "excelentes". Pensamos nas vocações transformadas daqueles que fazem uma escolha sobre a qual voltam sucessivamente modificando-a (Maria muda a sua vocação de consagração singular naquela de esposa e

mãe), nas vocações falidas ou abandonadas (com a necessidade de reconstruir a vida e a pena de sentir-se 'traidores' ou 'traídos'), nas vocações induzidas (quando a família orienta de modo vinculador), nas vocações sufocadas (quando a família se impõe e provoca o abandono de uma vocação, com consequentes sofrimentos por toda a vida), nas vocações abortadas (quando é rejeitada por um Instituto, ou se descobrem doenças invalidantes, ou sucedem obstáculos de vários tipos...).

Há necessidade de uma particular delicadeza e cuidado para ajudar alguém a reagir positivamente quando se sente bloqueado na sua aspiração sincera de querer viver uma determinada vocação.

Existe também a vocação de não ter nenhuma vocação. Vale para todos a descoberta de Teresa de Lisieux (História de uma alma, Shalom 2015): «*Considerando o corpo místico da Igreja, eu não me encontrava em nenhum dos membros que São Paulo havia descrito, ou melhor, queria ver-me em todos. A caridade ofereceu-me o eixo da minha vocação. Compreendi que a Igreja tem um coração, um coração incendiado pelo amor. Compreendi que só o amor impele à ação os membros da Igreja e que, se este amor fosse extinto, os apóstolos não teriam mais anunciado o Evangelho, os mártires não teriam mais derramado o seu sangue. Compreendi e reconheci que o amor abarca todas as vocações, que o amor é tudo. Então, com suma alegria e êxtase da alma, gritei: Ó Jesus, meu amor, finalmente encontrei a minha vocação. A minha vocação é o amor. Sim, eu encontrei o meu lugar na Igreja, e tu me deste este amor, ó meu Deus. No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor e assim serei tudo, e o meu desejo se traduzirá em realidade*».

É fundamental fazer de tal modo que cada um se sinta enxertado no amor de Cristo que torna preciosa, toda ação: lavar os pratos, varrer as ruas, ensinar, desenvolver um ministério eclesial como sacerdote ou religioso/a, como educador/a e como catequista. Von Balthasar, que transcreveu os ditames 'místicos' de Adrienne von Speyr, sublinhou que a espiritualidade mariana precede toda diferenciação de carismas individuais e fundamentos universais: «*A Igreja no seu núcleo de perfeição deve ser considerada feminina, o que não pode surpreender nenhum que conheça tanto o*

Antigo como o Novo Testamento. A Sinagoga já tinha sido descrita diante de Deus como noiva e esposa. E, assim também, a Igreja da Nova Aliança em sua relação com o Cristo que chega para as núpcias escatológicas entre o cordeiro e a mulhar adornada para a festa. Esta feminilidade da Igreja é a compreensão de tudo, enquanto os encargos ministeriais assumidos pelos apóstolos e pelos seus sucessores masculinos não são senão puras funções no interno de tal compreensão” (H. U. Von Balthasar in coll. J. Ratzinger, *Maria Igreja nascente*, Paulinas, Roma 1981, pp. 55 e 68).

EM BUSCA # *Mulher*

Faróis e tochas

Paolo Ondarza
Paolo.ondarza@gmail.com

«**Solicitada continuamente pelas palavras, sons, imagens, mensagens, por agendas cheias de compromissos e smartphone que se tornam disponíveis a toda hora, a nossa geração corre o risco de extraviar a dimensão do silêncio. Talvez porque ele seja percebido como ausência de estímulos, em vez de dimensão propícia à escuta. Estamos, de fato, mais habituados a preencher post de palavras do que a suspender um comentário e a deixar espaço à reflexão».** E, no entanto, **“nos diálogos há momentos de silêncio”**, disse certa vez o Papa Francisco, sublinhando a importância da oração: **“Rezar, como todo verdadeiro diálogo, é também saber permanecer em silêncio”**. Testemunham esta verdade, os enclausurados: **“faróis e tochas”**, os definiu o Santo Padre, capazes de **“reconhecer as questões que Deus e a humanidade propõem”**.

Estamos em Perugia, no Mosteiro de *Santa Inês*. Aqui, atrás das grades, vive uma pequena comunidade de Clarissas. Entre elas está **Ir. Clara Esperança**, 49 anos, há

22 na clausura. É ela a mulher à qual damos a palavra.

Ir. Clara Esperança, por que escolher o silêncio hoje?

Por que não escolhê-lo? Pode-se deixar de escolhê-lo? Juntamente com as palavras, o som, a imagem, o silêncio ele faz parte da vida humana, do seu ritmo natural. É uma das formas de comunicação que temos. É uma exigência que trazemos dentro que, porém hoje particularmente, é colocada de lado, porque ficar em silêncio significa que uma pessoa tem tempo para pensar, colocar-se à escuta de si mesma, dos outros e de Deus, em poucas palavras ‘não é produtiva’...

Uma pessoa que pode pensar e, portanto, ser ‘autônoma’, fazer escolhas, dificilmente é manobrável, porque tem sua estabilidade. É mais fácil deixar-se tomar pela velocidade de um touch, pelo som, pela imagem, pelas palavras em prejuízo do silêncio, mesmo se depois indiretamente procurado em lugares de bem-estar, em imersões da natureza, etc... A velocidade é feita para as máquinas não para o homem, que tem outros ritmos e não é um conjunto de engrenagens! É necessário aprender a escolher o silêncio para encontrar-se numa dimensão mais humana: o silêncio é contracorrente. Numa jornada na qual há uma sucessão de coisas a serem feitas, eu me lembro, antes de tudo, que *exist*, *estou*, e é por isso que posso pensar, falar e fazer».

No mundo juvenil caracterizado pela imagem, pelo compartilhar no social a própria espiritualidade e fé, têm ainda sentido a oração e o silêncio?

«Silêncio e oração fazem parte da necessidade religiosa do homem. O fascínio pelo mistério atrai sempre o coração humano e, também, o impele a confrontar-se com os outros, a procurar alguém com quem compartilhar, e isso se faz com os meios que se tem. Jesus na sua pregação usava continuamente imagens para indicar o caminho a seguir, para ajudar-nos a descobrir o amor misericordioso do Pai. Tem-se a necessidade da imagem para se dizer, para se comunicar. A partilha no social é bela, permite também rezar juntos, muitas pessoas são alcançadas, e isso não tolhe aquele caminho pessoal que passa por uma relação entre ti e o Senhor: a oração é o teu diálogo com Ele. O espaço do silêncio não é

simples ausência de barulho, é o entre-olhar de duas pessoas que não precisam de palavras para se dizerem.

Muitas vezes corremos o risco de 'mostrar/compartilhar' a fé, porque na realidade temos a necessidade de nos 'mostrar' para afirmar e dizer: "Eu existo! Preciso ser visto!" Temos a exigência de ser reconhecidos. Mas torna-se 'perigoso' parar aqui. A fé parte sempre de onde estamos, é um caminho que nos leva a testemunhar Alguém que faz bela a vida, que nos diz quem realmente somos. Aqui, então, está o desafio de 'como' se vive e se compartilha a fé. Como lembra o Papa Francisco, o importante é o *discernimento*».

O silêncio tem um valor pedagógico?

«O silêncio tem um valor pedagógico porque ensina a entrar em si mesmo, passar de um nível superficial a um mais profundo. Hoje é preciso aprender de novo a gramática do silêncio, escutá-lo, 'lê-lo', saboreá-lo, vê-lo na sua beleza. Se vivido na verdade, o silêncio ajuda a aprender a entrar em empatia consigo mesmo e com o outro, caso contrário pode se tornar barreira, defesa, muro que nos isola e separa».

O que te chamou à vida do claustro?

«Mais do que 'o que' direi 'quem' me chamou. A vida é uma contínua resposta a uma Pessoa que nos chamou por primeiro e nos chama a viver neste amor. Uma resposta que, para cada um, assume uma forma dentro da qual doar-se: a vida claustral está dentro deste dinamismo. Cada escolha traz consigo a experiência de algo que se deixa, que vem a faltar. A experiência de uma falta mergulha no coração e o torna pobre, mais aberto e atento para acolher o que o circunda como um presente que não podes deixar de agradecer, sempre.

Devo dizer que não me faltam coisas em particular porque nesses anos no mosteiro aprendi a viver o essencial, que nunca falta. E no decorrer do tempo, para surpresa minha, fui percebendo que a respeito de tantas coisas, mesmo belas, que estão aí e que eu tinha, bastam realmente poucas para te tornar feliz, e fazer-te sentir a tua vida plena! Acredito que seja o segredo que a seu tempo descobriu Francisco: a Palavra e o Senhor Jesus eram a sua verdadeira riqueza.

O que me falta e que escava no profundo do meu coração são os rostos das pessoas

que eu quero bem... uma falta que se faz desejo, espera, espaço acolhedor, oração, alegria por cada encontro no qual saborear plenamente a presença do outro».

O que quer dizer ser enclausurada em uma Igreja "em saída"?

«Eu sorrio pensando em quem diz: *"Mas como faz uma enclausurada para viver uma Igreja em saída entre os muros de um mosteiro?"*. Ser Igreja "em saída" para mim não é uma forma exterior, mas é aquela atitude interior à qual o Papa Francisco nos está chamando. O estar em saída faz parte do ser criado à imagem e semelhança de Deus, o qual, na Bíblia, continuamente nos é apresentado como Aquele que sai para escutar o grito do seu povo, para socorrê-lo até escolher habitar entre nós, em Jesus. A vida de fé é um caminho de contínuas 'saídas, de êxodos do nosso coração, dos nossos ídolos/seguranças, para ir ao encontro da alteridade. Um encontro que toma forma tanto socorrendo materialmente o outro que está passando necessidade, como com uma escuta coração a coração, em um pequeno locutório de um mosteiro, onde o outro te confia e te dá a sua vida para cuidar e amar.

Pensando na missão da mulher na Igreja e na sociedade, como se insere a escolha das enclausuradas?

«Penso que seja importante lembrar a missão atribuída diretamente por Deus na criação: ser uma ajuda igual ao homem, que está diante dele. A missão da mulher na Igreja e em todo lugar é ser aquela que está diante do outro e o ajuda a ser ele mesmo. A mulher é depositária e guarda da vida do homem e esta missão pode se explicar de várias maneiras entre as quais também a claustral onde abraça-se o homem na sua inteireza, na sua realidade mais profunda. Vem-me à mente uma frase de Santa Clara na terceira carta a Santa Inês de Praga: *"... eu te considero colaboradora de Deus mesmo, e aquela que levanta os membros cadentes do seu corpo inefável"*».

Diante da violência, das guerras e do terrorismo, o que pode a oração?

«Entre as suas maldades continuo a rezar" (Sl 140, 5). Diante do mal somos impotentes se quisermos enfrentar ou lutar contra os 'máximos sistemas', mas somos

‘poderosos’ com a oração que nos ajuda a manter os olhos no bem, na vida. A oração nos ajuda a lutar contra a violência que está no nosso coração, e a acreditar firmemente que, como repetiu muitas vezes João Paulo II, a misericórdia é o limite intransponível que Deus pôs ao mal. E como deixou escrito Etty Hillesum, jovem hebreia morta nos campos de concentração: *“Eu acredito poder suportar e aceitar cada coisa desta vida e deste tempo. E quando a borrasca for muito forte e não souber mais como sair dela, terei sempre as duas mãos juntas e um joelho dobrado”*. A oração ajuda a não perder a esperança».

EM BUSCA *Focus*

A beleza da escuta

■ **Pham Thi Kim Ngan Maria, FMA**
nganphamfma@gmail.com

O Senhor apareceu a Salomão em sonho durante a noite e lhe disse: «Pede-me aquilo que eu devo conceder-te». Salomão disse: « [...] O teu servo está entre o teu povo escolhido. Povo tão numeroso que não se pode calcular nem contar. Concede ao teu servo *um coração que escute* para que saiba distinguir o bem do mal, porque quem poderia governar este teu povo tão numeroso?». Ao Senhor agradou que Salomão tivesse pedido a sabedoria para governar. Deus lhe disse: «Porque pediste isso e não pediste para ti nem uma longa vida, nem a riqueza, nem a morte dos teus inimigos, mas pediste para ti o discernimento para escutar as causas, eis que faço como tu disseste» (1 Re 3, 5-9).

O rei Salomão nos indica a beleza da escuta. A escuta é a porta que introduz à Sabedoria. A Igreja em preparação ao Sínodo dos Bispos sobre os jovens, se pergunta *“sobre como acompanhar os jovens ao reconhecimento e à acolhida do chamado ao amor e à vida em plenitude, e também para pedir*

aos próprios jovens de colaborar na procura de modalidades mais eficazes hoje, ao anúncio da Boa Notícia”. Em sintonia o Reitor Mor dos Salesianos, Dom Angel Fernández Artime, na Estreia 2018, nos convida a *cultivar a arte de escutar e de acompanhar, característica do Carisma Salesiano. E, também, uma das aspirações de cada pessoa é precisamente “ser escutada”*.

■ Um coração que escuta

No percurso de educação e acompanhamento dos jovens, a escuta é um elemento indispensável. Escutar significa prestar atenção, aprender os tempos de espera, acolher as palavras, os silêncios e os gestos. A escuta é um processo ativo que requer o cuidado com o outro, a concentração e a criação dentro de si de um espaço de serenidade, para que o outro possa entregar os seus desejos, as dúvidas, os sentimentos, as suas emoções, as preocupações e suas expectativas. Escutar implica a capacidade de entrar em relação profunda com o outro, conhecendo-o melhor. É preciso, portanto, escutar não só com os ouvidos, mas também com a cabeça e o coração. A escuta permite melhorar o conhecimento e a compreensão recíproca, prevenir a tensão na relação e caracterizar com mais exatidão, eventuais objetivos educativos.

As experiências cotidianas demonstram que os educadores e/ou até mesmo os genitores encontram dificuldade na compreensão dos adolescentes ou dos destinatários a eles confiados. Um dos motivos é precisamente a pouca capacidade de escuta. Os adolescentes muitas vezes percebem que o educador e/ou o genitor fala com eles, porém, não se põe na escuta daquilo que o adolescente e/ou filho pensa.

Muitas vezes escuto adolescentes expressarem sua dificuldade no relacionamento com os pais e, talvez, com os professores, porque o diálogo tem a finalidade de dar respostas: “deves estudar bem, não sair à noite, debes fazer isso e não aquilo, etc.” Eles acreditam que estão com a razão e que sabem todas as respostas, mas não escutam com o coração.

É o momento em que os educadores e/ou os genitores refletem sobre o modo de acompanhar os adolescentes e os jovens para afinar a capacidade de escuta autêntica.

■ Escuta-diálogo

No diálogo, conta mais a escuta do que a palavra. Um autêntico diálogo apoia-se na disponibilidade a escutar o outro e na percepção de sentir-se escutado. Escutar significa dar sinais de recepção verbal e não verbal, manifestar compreensão e compartilhamento. Antes de tudo, a capacidade de escutar é saber acolher as palavras, as mensagens verbais, com respeito, sem interromper. Esta atenção não só ao conteúdo do que é dito mas também aos sentimentos e às experiências que subentendem as palavras, encorajará o jovem e/ou o filho a falar com liberdade. Escutar, todavia, não é reconduzível a uma simples experiência fisiológica relacionada ao ouvido e que se verifica para além das próprias intenções, pois, ouvir e escutar não são a mesma coisa. Ouvir é um fenómeno fisiológico que se pode verificar independentemente da vontade do indivíduo, e é relativo à passividade. O escutar, ao invés, é um ato psíquico, que não quer dizer simplesmente estar ouvindo e procurar entender o que ouviu é, antes, entrar em comunicação emotiva com alguém. Se o ouvir se refere ao ouvido, o escutar empenha o coração.

A palavra pode expressar uma determinada mensagem; o timbre de voz, o respiro, o som e a modulação da voz, ao invés, podem apresentar algo de diferente da própria palavra. Como toda linguagem precisa ser caracterizada para ser entendida, assim também por meio da escuta da voz, identificada pelo tom, pelo volume e pelo ritmo, podem-se entender as emoções e o estado de alma do outro: os acordes ou as dissonâncias, o contentamento ou a insatisfação, a certeza ou a incerteza.

■ A necessidade de ser escutado

A necessidade de ser escutado envolve uma espera de reconhecimento, de acolhida. Quando o educador ou o genitor demonstra disponibilidade para acolher os pensamentos e os sentimentos do outro, então, também o outro abrirá o seu coração à escuta da mediação para construir juntos o seu percurso de vida. A escuta empática favorece uma maior compreensão de si. Quem for capaz de escutar saberá aproximar-se das chagas emotivas do outro, das experiências do outro *como se fossem as próprias*. A escuta na prática permite ao

educador e/ou aos genitores, ‘colocar-se no lugar do outro’ para compreender os seus pensamentos e desejos, sentimentos de alegria, de tristeza, de solidão, de preocupação, de raiva e de descontentamento. Isso ajudará o outro a empreender o caminho com confiança e esperança.

■ Escuta-discernimento

A capacidade de escuta requer, portanto, acolher as mensagens emotivas profundas que o jovem quer transmitir. Isso é perceptível no rosto onde ficam impressas as emoções de alegria, de tristeza, de frustração e de dúvida. O rosto é a parte do corpo mais significativa da comunicação não verbal. É necessário, portanto, uma sensibilidade emotiva para *escutar* o rosto do/a adolescente, o que está escondido por trás de um sorriso, de um choro, de um enrubescimento ou de um olhar intenso. Na escuta do rosto contam, em particular, os olhos. É manifesto que não existe escuta profunda que não seja regulada pelos olhos. Escutar com os olhos significa conhecer o outro por meio da experiência visual. Também a escuta do corpo tem um valor importante. O corpo humano é um corpo vivo, um corpo vivido; os corpos falam, comunicam e possuem sua linguagem. Escutar o corpo, portanto, significa saber observá-lo em todas as suas expressões físicas: o seu comportamento não verbal, seus movimentos, seus gestos, sua postura e seu olhar.

A escuta é eficaz quando o ouvinte se desapega dos próprios pontos de vista; o educador e/ou os pais, para tornar positiva a escuta do outro, deveria distanciar-se das próprias pré-compreensões, dos preconceitos, do próprio julgamento, superando os próprios esquemas mentais e as próprias convicções pessoais para não impô-las sobre o outro. Ao mesmo tempo deveria abrir a mente e o coração para “encontrar” o outro na sua unicidade e individualidade, para entrar em intercâmbio com ele.

A escuta ativa fundamentalmente é a disponibilidade para saber escutar física e interiormente o outro, para poder acolher aquilo que ele quer dizer, conhecer e compreender o seu mundo interior, a sua visão da realidade, os seus recursos, os seus objetivos e os seus problemas.

A escuta é um elemento indispensável a uma educação eficaz e a um verdadeiro discernimento. Uma boa escuta pode favorecer no jovem a capacidade de discernir, pois, o encoraja a pensar com a própria cabeça, a dar nome ao que vive, a escolher o que é bom e a escolher o Bem, juntamente com o educador.

A escuta autêntica, então, faz o jovem sentir-se acolhido, amado e, portanto, com mais confiança no educador e em si mesmo. Um coração que escuta ajuda os adolescentes e os jovens a discernir e a escolher, a crescer integralmente e a descobrir o projeto de Deus sobre a própria vida. A escuta é capaz de levantar, de curar e de transformar a vida.

Para aprofundar:

- MIZZAU Marina, *A distribuição da escuta*, Bolonha 2010.
- BELLANTONI Domenico, *Escutar os filhos. Um percurso de formação para os pais*, Trento, Erikson 2007.
- *Escutar os próprios filhos. Uma experiência de training dirigida aos casais de pais*, em *Busca de sentido* 2003.
- CASTELLAZZI Vitório Luigi, *Escutar-se, escutar. Os caminhos do encontro e do diálogo*, Roma, maio de 2011.
- HOUGH Margaret, *Habilidade de counseling. Manual para a primeira formação* [Counselling skills, Addison Welsey Longman, Limited 1996], tr. It di Riccardo Mazzeo, Trento, Erckson 1999.
- GORDON Thomas, *Pais e filhos. Educar filhos responsáveis*, Molfetta, O Relógio do sol 1997.

EM BUSCA *Voz dos jovens*

Jovens e vocação

| **Gabriella Imperatore, FMA**
gimperatore@cgfma.org

Da cultura do já à do não ainda.
«Como colocar numa cultura
'aprojetual' como a de hoje, o sentido

e a coragem de um “projeto de vida”?».

Um caminho vocacional não pode prescindir da paciente construção de um *projeto de vida* a 360 graus (nas escolhas profissionais, nas relações afetivas, no empenho social e eclesial) e que requer escolhas laboriosas, coerentes e, muitas vezes, contracorrente com relação à provisoriedade e ao desempenho da atual sociedade com *responsabilidade limitada*. Um projeto de vida que saiba pôr-se na encruzilhada entre «desejo e chamado, busca e encontro, resposta e testemunho».

■ Em caminho

A vocação é aquela maravilhosa “exploração” que se vive mantendo fixo o olhar no céu, do qual tudo vem, e dando concretíssimos passos na terra, o lugar em que nos é dado encarnar a nossa identidade. *Senhor, o que tu queres de mim?* Procurar a vontade de Deus significa desejar sintonizar-se com aquilo que está no próprio coração, isto é, um desejo de plenitude de amor, O que certamente quer Deus? Nós sabemos que somos seus filhos incondicionalmente amados por Ele. Tudo o que favorece esta consciência faz amadurecer em nós a possibilidade de viver as escolhas concretas da nossa existência como “vocação”. Aqui está o coração da vocação: não decidir o que fazer, mas entender o que o Mistério quer de mim, de que modo eu, com a minha humanidade, posso servir a Sua presença no mundo e como posso fazer o Bem, ao qual Ele me chama.

Mas, o que significa, hoje, para um jovem falar de vocação? De que modo os jovens podem sentir-se concretamente pro-vocados pelo tema da vocação no aqui e agora da sua experiência humana e eclesial? Escutemo-los:

«A vocação é um estilo de vida. Qualquer que seja a escolha – vida religiosa, matrimônio, médico ou músico – a vocação é fazer as coisas com amor. Qualquer coisa feita com amor, responde ao chamado de Deus. Portanto a vocação, mais do que o fim, é o meio para vivermos a nossa vida, um modo de realizar a nossa missão de construir o Reino de Deus. E, pensando bem, é também um dom, pois, quem vive deste modo vive bem, sempre feliz» (Francisco, 20 Brasil).

«Chamados à liberdade. Sim, é verdade, mas a liberdade não quer dizer poder fazer o que se quer. Ser livre significa ser honestos, livres da mentira e das ilusões. Sou livre porque sou quem sou. Conheço a minha força e a minha fraqueza. Sou livre pelo fato de saber o que é possível para mim. Se não sou forte em Matemática não posso fazer contabilidade e não há problema. A liberdade significa doar-se aos outros, e este é o objetivo de qualquer vocação. Se não se é livre no amor, significa que não é amor».

(Annarosaria, 22 Itália).

«A vocação é como uma semente que Deus põe em nossas mãos e que é semeada para que possa brotar e dar frutos. Não sabemos que semente seja e que frutos dará, devemos descobrir, para agir, porém, precisamos de alguém que nos ajude a descobrir a nossa vocação. Este alguém é Jesus. A vocação é o chamado de Deus, mas também, a resposta que cada um de nós dá. É um compromisso com Deus: Ele nos chama para realizar alguma coisa e nós respondemos, cada um a seu modo».

(Eduardo, 20 Guiné).

«O nosso escopo é doar-nos: dar aos nossos irmãos e irmãs o que sabemos e o que sabemos fazer. É isto que é pedido a todos: ser servos uns dos outros. Eu acredito, porém, que a vocação significa algo maior. É um convite a fazer alguma coisa a mais. A superar os limites das nossas possibilidades, graças à ajuda de Deus, respondendo ao seu chamado. A vocação é empreender o caminho que Deus traçou para nós e para os outros».

(Grace, 17 Tunísia).

«A vocação é um chamado que produz uma mudança em nossa vida e no nosso modo de vivê-la. Uma mudança que é sempre positiva. Enquanto antes se caminha às cegas, encontrar a própria vocação é encontrar um mapa que não só te indica onde deves ir, mas também, qual é a estrada melhor para chegares lá. E, ainda, se em alguns casos este percurso leva a antepor a felicidade do outro à própria, no final, seguir aquele chamado significa sempre chegar a ser felizes».

(Natalie, 22 Angola).
(cf. Questionário em preparação ao Sínodo dos Bispos sobre os jovens)

A vocação é um chamado que permite realizar-se, dar um sentido à própria vida. Deus trabalha em nossas condições humanas. A vocação não é um sinal milagroso. A nossa vocação é o objetivo que Deus tem para nós.

Deus criou cada pessoa com um escopo, e este escopo é realizado por nós. A única coisa que devemos fazer é descobri-lo.

«Como podemos despertar a grandeza e a coragem de escolhas de amplo respiro, de impulsos do coração para enfrentarmos desafios educativos e afetivos? É frequente o imperativo da Palavra: arrisca! Arriscar... Quem não arrisca não caminha. “Mas, e se erro? Deus seja louvado! Errarás mais, se permaneceres parado» (Papa Francisco, Discurso na Vila Nazaré, 18 de janeiro de 2016).

Quatro verbos pelo caminho:

Procurar. Não tenhais medo de não encontrar. Antes ou depois encontrareis aquilo que estais procurando. Talvez isso possa acontecer logo, talvez demore muito tempo. E depois acontecerá um encontro, uma ocasião ou até um tropeço que parecerá afastar-vos dos vossos objetivos. E, ao invés, vos abrirá os olhos sobre o que estais procurando para as vossas vidas.

Habitar. Onde habitais, quais são os lugares nos quais viveis? É ali que surgirão as melhores ocasiões. Tendes uma idade em que tudo é possível, em que tudo é realizável. Mas, tornar-se grandes quer dizer realizar o sonho universal da vida, no fragmento da escolha prática. Aqui e agora. Encontrar o caminho para não perder o vosso sonho, mas para realizá-lo concretamente nas relações, nas situações, nas grandes e pequenas escolhas cotidianas, que escolheis fazer: este é o dom da vossa idade.

Vinde. No imperativo! Atenção: não é “ir” mas “vir”. Tem a forma do convite do Senhor. É um pedido cuja força é sublinhada pela forma, que pressupõe uma resposta, a escolha de abandonar as nossas comodidades, as nossas certezas. Lembrai-vos das palavras do Papa ao pedir para não serdes jovens acomodados no divã. É preciso sair dos nossos comodismos.

Vereis. No futuro! Estamos na época do “vídeo”, a imagem parece ser mais importante do que tudo sobretudo do áudio. No Evangelho, em vez, é um ver para sentir. É um sentir para escutar o Senhor que nos fala.

Apaixonar-se pela vida

Anna Rita Cristaino

annarita.cristaino@gmail.com

As relações da nossa cotidianidade e da vida toda, precisam realimentar-se e deixar para trás aquelas coisas que não servem mais. Frequentemente os jovens sentem a necessidade, a um certo ponto de sua vida, de sacudir a poeira que se acumulou e que lhes faz perder a possibilidade de ver claramente e bem e o belo.

Os jovens estão sempre apaixonados. Eles olham para o conhecimento, os encontros, as outras pessoas, e se apaixonam.

Aprendem a amar aquilo que observam e, naquilo que os circunda, vislumbram parte de si mesmos. Amam porque sentem forte a necessidade de sentir-se amados. O seu estar no mundo à vezes tem marcas quase dramáticas. Os jovens que conheço temem o tédio e a solidão. Somente o fato de estar no mundo os faz sentir-se suspensos no vazio. Nenhum contato forte com as próprias raízes, nem porto seguro olhando para o futuro.

■ Apaixonar-se pela realidade

O primeiro ato a nos fazer sentir bem é o amor e o enamoramento, enquanto aproximação com os outros. A realidade, porém, não é feita só de pessoas, mas compreende a natureza, a matéria, os objetos, portanto é necessário aprender a olhar, a querer bem e a cuidar de tudo o que nos circunda.

“Amarás é um grito que trazemos dentro de nós, inscrito em nós”.

(Antonietta Potente)

Para viver bem a própria realidade os jovens devem deixar espaço ao seu amor, à sua capacidade incondicional e inocente de enamorar-se. O enamoramento, quando não é apenas uma sede de satisfação egoísta ou narcisista, os leva a sair de si mesmos.

Roberta está se preparando para os exames finais no Liceu. Na sua vida houve diversos momentos tristes, difíceis, em que duvidou de si mesma, da sua responsabilidade de ser amada e de amar. Apaixonar-se, para ela, foi um despertar: *“Eu me encontrei. Eu me percebia mais ‘luminosa’, eu me olhava com os olhos do meu namorado e o seu amor por mim restituiu-me o afeto que eu devia a mim mesma. Comecei a cuidar de mim e da minha vida e fazendo assim descobri o quanto de belo e de bom pode acontecer nas minhas jornadas”.*

Sim, apaixonar-se pela vida, porque a vida é bela e deve ser vivida com todos os seus percalços, porque apesar das dificuldades e dos medos, somos chamados a vivê-la . (Stefania)

■ Despertada para a vida

Cada despertar é passagem da zona de obscuridade para a zona de luz. Ao despertar, toda a vida nos é restituída: a criação, as pessoas, os objetos, o pedaço de mundo que estamos habitando. Quando um/uma jovem faz esta experiência de sentir-se chamado/a pela vida a amar, inevitavelmente sente forte, dentro de si, uma dimensão diferente da própria profundidade. Faz experiência da própria alma que anela o infinito, o eterno.

Aquela profundidade, aquela dimensão do coração que pulsa, é o terreno propício para “provocar” o encontro com Deus. Insinuar a dúvida de que pode existir um amor maior, infinito, eterno. Provocar a busca de Deus que leva a tocar a vida com tudo aquilo que contém.

Testemunho 1

A vida é oportunidade, acolhe-a;
A vida é beleza, admira-a;
A vida é um desafio, enfrenta-o;
A vida é preciosa, cuida dela;
A vida é uma riqueza, conserva-a...

Quantas vezes me aconteceu, como professora, observar os adolescentes na rua ou empenhados em atividades extra-escolares, como nos passeios e saídas didáticas, e ter constatado a enorme desatenção para com tudo aquilo que os circunda (uma paisagem bela, a natureza, as

peças que encontram, a grandeza das obras do homem, etc.). Eu penso, então, que em nossa sociedade definida “pós-moderna”, seja necessário reeducar os adolescentes e os jovens a apreciar o extraordinário em suas vidas, acolhendo-o a partir dos aspectos mais simples, das pequenas coisas comuns.

O escritor francês **André Frossard** disse a um grupo de jovens que discutia com ele sobre o sentido da vida: «Atenção, rapazes: o olhar sobre si, muito insistente e demorado, não pode senão, em definitivo, fixar-se sobre o abismo daquele nada do qual nos tirou uma misteriosa bondade».

É necessário, portanto, ensinar aos jovens a levantar os olhos e a olhar ao redor de si!

A vida é rica de mistério e tem um valor incomensurável. A ciência e a tecnologia nos oferecem certamente a capacidade de descobrir os segredos da nossa vida natural, mas não devemos nos esquecer de que o nosso olhar interior se estende para além do horizonte da nossa experiência e das nossas aspirações. **Os jovens devem ser guiados à descoberta e à paixão pela vida**, mesmo sabendo que não é fácil entender qual é o caminho melhor que leva a acolher o gosto de viver e a tornar a vida desejável, assim como não é realmente simples ensinar a aceitar a vida, dispostos a trabalhar.

Testemunho 2

Eu descobri a vida... É a viagem, o **caminho**, não o objetivo! Na sua simplicidade e na sua grandeza, agora fico estupefato com a forma como alcancei esta consciência.

É o **valor que nós damos** a cada momento, que faz com que o momento sucessivo seja sempre mais fabuloso.

Não nos preocupemos com o depois, **mas que o presente seja fantástico!**

Façamos de modo que qualquer atividade cotidiana sirva para **melhorar o nosso caminho**, para provocar **alegria em nós mesmos e felicidade às pessoas** que nos são próximas.

O esporte, a música, a dança, qualquer gesto e exercício servem para tornar o nosso caminho sempre melhor e fazendo assim melhoramos também o agradável da nossa vida e das pessoas a nós queridas.

Redescobre-te **apaixonado...** pela tua vida!

Apaixonar-se pela vida, buscar alegria, tornar a experimentar a alegria. Para Ermanno Olmi, é a vida em si que merece ser objeto de enamoramento. “Não basta enamorar-se dele ou dela”, - embora o Amor seja uma das coisas fundamentais e quando existe realmente aquele Ele ou aquela Ela que compartilham tudo contigo sonhando junto, é loucamente fantástico – de vemos enamorar-nos de cada pequena coisa que nos cause admiração que nos agrade, nos surpreenda, porque “se estamos apaixonados pela vida, e a vida merece ser objeto de paixão, a alegria aparece sozinha”.

COMUNICAR

A criatividade como recurso

| **Redação DMA**

elisamolinare@yahoo.it

Os jovens antecipam as mudanças e são seus principais protagonistas. Interrogando as novas gerações e suas modalidades expressivas, podemos ler o nosso tempo e interpretar seus processos mais relevantes. Em particular as inovações tecnológicas da comunicação e da mídia digital têm contribuído à transformação das categorias tradicionais do saber, mas estão também gerando novas formas sociais e culturais que se refletem por sua vez nas linguagens, nas atitudes, nas aspirações, no imaginário e nos valores das novas gerações. É a criatividade das novas gerações, que se expressa não só na arte, mas gera inovações em todos os âmbitos sociais e culturais.

Devo confessar que quando menina eu me apressava para passar no jornaleiro e pegar uma cópia do jornal *Il Mattino*. Pois bem, um dos sinais visíveis de uma mudança geracional, é a relação com o papel impresso. Basta sair de manhã de metrô e verificar quantos estudantes têm, com os livros escolares, um jornal. Com efeito, houve um salto geracional, que é registrado logo em nível de comunicação. Os jovens são nativos digitais e a sua comunicação adotou a simplificação do *twitter*, a pictografia dos sinais gráficos do celular. O diálogo feito de contatos visuais diretos, olfativos substituíram o *bate-papo* virtual por meio da tela. O passeio deles pelas estradas com o ouvido tampado pela touca das suas músicas assinala que estão “desconectados” da complexidade social, política, religiosa. Porém esta *diversidade* dos jovens contém sementes surpreendentes de *criatividade, inovação e fecundidade*.

■ O movimento maker

O movimento maker baseia-se na tecnologia do *faça-você-mesmo*, uma filosofia que emergiu nos Estados Unidos nos anos 50, e que se refere a uma forma de produção que qualquer um pode produzir, distribuir e promover. Como explica *Chris Anderson*, o que distingue os produtores contemporâneos dos inventores e do *faça-você-mesmo* de outras épocas é o inacreditável poder que as tecnologias modernas e uma economia globalizada oferecem, seja para conectar-se como para apreender tudo quanto diz respeito ao uso de novos meios de produção e distribuição.

A cultura do maker é caracterizada pela horizontalidade e ação em sinergia para gerar mudanças, para modificar os modelos tradicionais de produção e consumo por meio da aprendizagem colaborativa e a criação coletiva.

O movimento é baseado na troca de conhecimentos por meio da Internet e a aquisição de material para a construção de um produto próprio ou trabalhando juntos no mesmo projeto. Os primeiros exemplos de workshop sobre os criadores são os **FabLabs**, em que pessoas diversas, em particular os jovens, unem os esforços e os recursos para trabalharem juntos no mesmo projeto. Por isso o movimento do maker passou do ‘*faça você mesmo*’ a fazê-lo ‘*com os outros*’.

“Não há necessidade da permissão de ninguém para realizar grandes coisas”
(Massimo Banzi)

■ A cultura do maker e a educação

A cultura dos makers alcançou o campo da inovação educativa. Os ambientes educativos que se inspiram na cultura do maker, baseiam-se na aprendizagem aplicando os conteúdos das disciplinas presentes no currículo. Portanto, a tecnologia é utilizada como instrumento pedagógico, como sublinha Susana Tesconi: “Os estudantes aprendem a viver num mundo em que a tecnologia faz parte do centro da vida. Não vale mais a possibilidade de dar-lhes os textos a serem memorizados, porque agora a realidade está mudando e a imagem de hoje não funciona para amanhã. É preciso ensinar-lhes a procurar informações por si mesmos e a despertar a sua criatividade e o espírito crítico”.

Susanna Tesconi contribuiu ao desenvolvimento do programa *Aulab*, com o LABoral Centro de Arte y Creación Industrial (Centro de criação artística e industrial, Astúria, Espanha). Um programa que, na Espanha, introduziu a produção digital no campo da instrução formal, fazendo as escolas *FabLab*, de modo que os educadores integrem os seus ensinamentos com as facilidades disponíveis gerando materiais didáticos inovadores e criativos.

Os métodos de produção e aprendizagem digital, baseados na cultura do maker, é uma realidade já visível. Um exemplo é a introdução da matéria “Tecnologia, programação e robótica”, no currículo das escolas da Comunidade de Madri. Para ajudar os docentes a ensinar esta matéria a **sociedade BQ desenvolveu um portal** <http://diwo.bq.com/> com experiências práticas e recursos didáticos, dirigido também a famílias e educadores de muitos outros lugares que estejam interessados em incorporar a cultura do maker nas suas classes ou nas suas casas.

No campo da educação não formal, uma iniciativa que utiliza a cultura maker para promover a participação e a inclusão social dos jovens é, na Espanha, o *Breakers Program*, da **Fundação Orange**, em que os jovens em situações vulneráveis, aprendem técnicas de projeto de ambientes colaborativos, ou de produção digital, mas

também, outras habilidades transversais como o trabalho em equipe, a comunicação, o respeito, etc.

“Em linha de princípio podemos ser todos criadores de algo extraordinário, mas cabe a nós explorar a nossa criatividade, materializar as nossas ideias, informar-nos, educar-nos, aprender a trabalhar em comunidade”.
(Santiago Arango).

A cultura do maker difundiu-se também em países iberoamericanos, como o México. Em 2017 um grupo de jovens, guiados por Antonio Quirarte e Gustavo Merkel, deixou o projeto *Los Hacedores*, inaugurando o primeiro makerspace, na Cidade do México, e um portal web (<http://hacedores.com/>) para difundir esta cultura no país. No campo da instrução, em particular, a organização *Jacaranda Education* promoveu diversas ações de colaboração, inovação e gestão pedagógica nas escolas secundárias técnicas, na Cidade do México. De fato, com o programa *Tinker*, é desenvolvida uma série de workshop práticos e teóricos para professores e estudantes em *Maker Education* com atenção à produção desktop (imprimir 3D).

Outro exemplo é o da *Escola do Projeto Âncora*, em Cotia, São Paulo (Brasil), onde um professor depois de ter visto que os estudantes desperdiçavam água brincando, decidiu organizar a sua classe para indagar sobre crises hídricas em São Paulo. Em oito meses, haviam criado um coletor de água da chuva. Durante todo o projeto, estudaram os conceitos de física, geografia da água, química, matemática e história para entenderem a seca. A arquiteta, *Heloisa Neves*, um dos promotores do movimento no Brasil, sublinha que a atenção não precisa ser posta nas máquinas, mas nas pessoas. «*A tecnologia facilita apenas a criação. A cultura do maker inverte o que aprendemos na escola. És tu, o agente que causa*»".



Fundada por seis estudantes em 2010, **BQ** pertence à holding tecnológica Mundi Reader, um conglomerado de sociedades empenhadas no projeto e na produção de dispositivos eletrônicos e acessórios, com o objetivo primário de ajudar as pessoas e antender a tecnologia, encorajar a utilizá-la e inspirar a criá-la.

BQ é uma sociedade empenhada na formação em âmbito tecnológico, no desenvolvimento de produtos ligados ao universo do **Open Source** e na promoção da filosofia do **Do It Yourself** (DIY). Filosofia que a empresa aplica aos próprios produtos e soluções software, na ótica de tornar a tecnologia um instrumento inserido num processo de democratização para promover melhorias no mundo e na vida dos usuários.

Maker A-Z. Arduino, impresso 3D, FabLab: a revolução dos artesãos digitais para uma tecnologia democrática.

Os makers estão entre nós. Mas vêm em paz. Este livro explica quem são os makers, o que fazem, e porquê o seu movimento – *open source* e colaborativo – é "revolucionário". Relatam os protagonistas: entrevistas a Massimo Banzi, Enrico Bassi, Costantino Bongiorno, Francesco Bombardi, Stefano Maffei, Bertram Niessen, Alessandro Ranellucci, Massimo Temporelli, ao cuidado dos jornalistas da revista *Outraeconomia*. "Maker A-Z" enfrenta os aspectos mais populares do mundo dos artesãos digitais. O que é Arduino e por que nasce em Ivrea? O que acontece num FabLab? Quais são os segredos da fabricação digital e os *tools* de cada bom maker? Mas relata, sobretudo, porque o movimento maker – ao contrário dos artesãos tradicionais e de quem usa tecnologias proprietárias – compartilha sempre os resultados dos projetos e as suas "instruções", e como ele possa mudar profundamente o mundo da produção. Um livro construído como um *open hardware*: todos podem utilizá-lo com simplicidade e descobrir um novo planeta da economia solidária.

A melodia *de Rachid Hami*

Palma Lionetti, FMA
palmalionetti@gmail.com

A melodia... a parte mais bela da música. É a expressão de ideias, estados de espírito e situações, agradável a ser ouvida e vai direto ao coração das pessoas. É como uma linha que movimenta as nossas emoções, levando-as de uma parte à outra da nossa alma. Na teoria musical combina a altura das notas com o ritmo. Em um trecho musical, a melodia é a estrutura musical mais identificável e cantável.

A melodia é, então, uma experiência polifônica, ou seja, uma mídia sentimental que consegue exaltar a individualidade. A voz única. Assim o filme **A melodia** sabe enfrentar com sinceridade muitas das questões sociais e “políticas” que estão perpassando a Europa nesses anos. O filme é uma lição de civilização, um paradigma educativo no qual leveza, inteligência e ironia se fundem com aquela paternidade social de quem acredita no ensino como serviço para a formação das novas gerações.

Simon Daoud é um homem de meia idade, musicista talentoso, mas desiludido, talvez depressivo, que se encontra ensinando um instrumento difícil como o violino, superando incompreensões e preconceitos.

A classe em que leciona é composta por uma banda selvagem de adolescentes de doze anos parisienses multiétnicos – filhos de imigrantes, portanto franceses de segunda ou terceira geração –, a sua mal humorada e generalizada animosidade se choca com a dos jovens alunos. Paradoxalmente, serão precisamente os jovens que irão regenerar nele a paixão pela música e os benefícios que ela pode trazer num ambiente de integração, formação e identidade pessoal. Os estudantes entendem que tocar juntos numa orquestra pode representar uma emblemática vitória sobre si

mesmos; enquanto Simon readquire o sentido dos afetos e da vida.

O sujeito nos reporta a histórias de resgates juvenis já vistos (“A classe - Entre os muros” de Laurent Cantet de 2008 talvez seja a mais citada fonte de inspiração) e possui um nível de relato previsível, mas o diretor franco-algeriano Rachid Hami sabe encontrar sua voz forte e nunca banal, demonstrando uma confiança incondicional na música (e no cinema...) como motor de integração e como possível síntese social.

A melodia nunca é dada, é um processo, um percurso, um “sentimento” ao qual tender.

■ O valor formativo da música

A música, no filme, é realmente a grande protagonista, tornando-se também um colante importante nas situações difíceis, e o melhor antídoto contra qualquer tipo de medo.

Um filme, considerado o tema, que superou muito bem a tentação de escorregar na retórica e que nos regala com uma visão belíssima e surpreendente dos adolescentes e da música. “*Não se concentram mais do que 30 segundos!*”, de fato, explica o professor Brahmini ao famoso violinista Simon Daoud que aceitou o desafio de preparar um grupo de estudantes de uma escola média da periferia, para tocar em concerto na Filarmônica de Paris.

Desde as primeiras cenas do filme pode-se entrever um mundo difícil, o da escola, ponto de encontro-desencontro entre gerações e culturas diversas. Que linguagem para começar um diálogo entre bullismo e preconceitos sempre à espreita? A música é a linguagem que permite compartilhar sentimentos e emoções, fazendo emergir o belo de cada um dos adolescentes.

Estes adolescentes desbocados, dispersivos, caóticos, mal-educados, conseguirão envolver o professor no mundo deles a tal ponto que chegará a dizer que trabalhando com eles se sente mais feliz apesar de serem “canalhas”. Um filme que é argutíssimo nas observações psicológicas, atento em “registrar” apenas a autenticidade, a interagir sempre com os sentimentos intensos e a desenvoltura dos adolescentes e, por isso, o filme *A melodia* envolve e emociona, desencadeia alegria e sabe como

desintegrar, com amabilidade, eventuais escórias cínicas da alma do espectador.

“Ninguém é deixado para trás porque todos são fundamentais”.

■ A história de um resgate

A *melodia*, apresentado fora do concurso na 74ª Mostra de Cinema em Veneza, mesmo pertencendo ao cânone mais clássico dos filmes musicais ambientados em uma escola, é uma obra plenamente bem sucedida, pela direção segura e tecnicamente irrepreensível.

O diretor Rachid Hami encontrou, no gênero, importantes elementos de variação. O filme, de fato, não se sustenta no clássico momento do concerto, mas, pouco antes, num pequeno momento de união entre os personagens. O silêncio da tensão antes da execução, torna-se sinal do triunfo do professor e de uma classe governada pelo barulho.

A marginalidade é relatada finalmente, e consegue reduzir a uma única imagem, potentíssima, o desafio geracional que cada nação enfrenta. Um adolescente sem pai que encontra, na música, na arte, e em quem a ensina, uma razão de vida. Aquela imagem de Arnold, um tímido e silencioso adolescente de origem africana, que foi logo tomado de paixão por um instrumento tão “distante” dos seus horizontes cotidianos, e que sobe nos telhados de Paris e aprende a tocar uma melodia, torna-se o ícone mais belo de uma identidade conquistada, dentro de um grupo onde cada elemento, nas lógicas da orquestra, faz o seu percurso e tem a nota certa para realizar um alegre e harmonioso conjunto. **O violino é a porta para outros mundos.** Arnold toca sobre os telhados, para não ser visto, para não fazer barulho, para alargar os horizontes, para sonhar com um futuro distante, talvez rumo aos belos bairros ou aos palácios do centro que se entreveem de longe. A sua melodia afina-se pouco a pouco e a sua determinação cura até mesmo a depressão de Simon.

Eu sei que vocês conseguirão! Eu conto com vocês!

Um daqueles filmes que fazem bem à alma, onde a simplicidade e a leveza são um valor a mais e, digamos, indispensável. Um diálogo intergeracional que é o verdadeiro objetivo de uma sociedade que quer responder à crise, com um entusiasmo que conquiste o espectador também graças ao eterno valor terapêutico da música, mestra ao colocar em comunicação sem palavras, mundos diversos.

Ficha do filme

GÊNERO: Dramático

ANO: 2017

DIREÇÃO: Rachid Hami

ATORES: Kad Merad, Samir Guesmi, Jean-Luc Vincent, Alfred Renely, Slimane Dazi, Mathieu Spinosi, Tatiana Rojo, Youssouf Gueye, Zakaria-Tayeb Lazab, Mouctar Diawara, Shirel Nataf, Anaïs Meiringer

PAÍS: França

DURAÇÃO: 102 Minutos

DISTRIBUIÇÃO: Oficinas Ubu

COMUNICAR *Literatura*

Os Anjos dos livros de Daraya

■ **Emilia di Massimo**

emiliadeimassimo@libero.it

Os Anjos dos livros de Daraya, de Delphine Minoui, conta a história de um grupo de jovens revolucionários sírios que salvaram os livros da cidade de Daraya, levando-os para o subsolo e criando uma biblioteca subterrânea, secreta.

No facebook, na página de Human da Síria, vê-se uma imagem que a captura. “A imagem é estranha. Uma foto enigmática, sem sinal de sangue ou projéteis, salva do inferno sírio. Dois homens de perfil, circundados por muros de livros. O primeiro inclina-se sobre um volume aberto no meio. O segundo perscruta uma prateleira. São

jovens, em seus vinte anos, um deles tem uma jaqueta esportiva jogada nos ombros, o outro um boné bem calçado na cabeça. No local, sem janelas, a luz artificial que lambe os seus rostos, acentua a incongruência da cena. Como um frágil respiro entre os interstícios da guerra”.

■ Não existe prisão que possa prender a palavra

O livro: ‘*Os Anjos dos livros de Daraya*’, é o relato da longa correspondência que Delphine Minoui consegue trocar por longos meses com os jovens da biblioteca da cidade rebelde. Enquanto a cidade é lentamente arrasada pelos barris de bomba caídas dos helicópteros do exército, a jornalista trabalha em sua casa em Istanbul. Diante do desk do seu computador fica sabendo da existência, naquele lugar sitiado do qual são capazes de receber notícias com crescente dificuldade, de uma biblioteca secreta criada e mantida viva, entre riscos enormes, por um grupo de jovens do lugar.

Entre vários perigos, o fio da leitura que mantém unidos os jovens sitiados para o mundo consegue nunca voltar atrás, fazendo se tornar Daraya, cidade situada a oito quilômetros de Damasco, uma cidade símbolo da Revolução síria.

Desde março de 2011 os habitantes se insurgiram contra o ditador Bashar al Assad, pedindo, sem cessar, direitos e democracia, assim a cidade se tornou um dos centros e dos motores da dissidência na Síria. Depois da violenta repressão do regime sobre os manifestantes, parte da população armou-se para defender a cidade; os jovens, que até aquele momento estudavam na universidade, pegam pela primeira vez um fuzil na mão e formam brigadas combatentes contra o exército de Assad. Por esse motivo, em novembro de 2012, o regime decide sitiar a cidade num cerco feroz que durará quatro longuíssimos anos, até 25 de agosto de 2016, quando a cidade mártir exausta se renderá às tropas do governo de Assad. Daraya torna-se, durante os anos de seu cerco, o símbolo da resiliência e da resistência do povo sírio. Daraya como um modelo único de governo, no qual os civis, apesar da guerra, mantêm o controle sob os militares. Nas televisões e na mídia do regime a cidade continua a ser pintada como uma fortaleza de terroristas, um covil que deve ser erradicado com qualquer meio.

"Os livros são a vida. Eles nos permitem recuperar as últimas migalhas da nossa cultura, enquanto o regime nos sufoca".

■ A memória viva de Daraya

Entre os bombardeios com os barris explosivos, os ataques com o gás, o aperto da fome que assola os habitantes isolados, para reagir à violência do regime, à mortificação emotiva, à sensação de derrota e terror que invade a população, quarenta jovens voluntários decidem dedicar-se a procurar e salvar milhares de livros que ficaram sob os escombros das casas e das escolas. Eles os limpam, os dividem e os classificam para recolhê-los nos subterrâneos de um palácio destruído pelas bombas: é assim que, no coração mais negro da guerra síria, floresce uma biblioteca secreta, uma “fortaleza de papel”. Mais de 10.000 volumes de narrativa árabe e estrangeira, de filosofia, teologia, ciências, diariamente à disposição da população, gratuitamente. Em condições precárias, quase sem eletricidade, telefones e conexão internet, os livros se tornam, para os habitantes de Daraya, o único meio de evasão e esperança, um tesouro clandestino a ser defendido por meio de uma resistência corajosa e vital. A história dos *Anjos dos livros de Daraya* e da biblioteca, onde cada coisa pode sarar e pensar-se possível, é um documento-testemunho que traz à luz uma página heróica do violentíssimo conflito que dilacerou o território e a população síria. Uma história que se torna metáfora universal da luta pela defesa da liberdade do homem cercado pela tirania, o qual “encontra conforto apenas na leitura de testemunhos de pessoas que viveram experiências semelhantes, como narram os volumes sobre o cerco de Saraievo. Um espelho da sua própria história. Da sua tragédia, da sua dor. Da sua coragem e da sua luta pela liberdade. Significa sentir-se menos sozinhos e reencontrar uma força interior que faz ir adiante”. Ahmad, Shadi, Hussam, Omar, trazem a salvo os livros que encontram nas casas bombardeadas e abandonadas, de Daraya. Escavam entre os escombros e salvam aquelas bibliotecas desfiguradas por uma história muito violenta, e dão às palavras cobertas pelos detritos das explosões uma nova morada e uma nova vida, na mente e nos olhos das pessoas que

ainda poderão lê-las. O *agorá de papel* encontra-se no porão de um dos palácios da cidade, onde os jovens decidiram criar um espaço que pudesse hospedar os livros salvos e que pudesse se tornar um refúgio para todas as pessoas sitiadas de Daraya. Sem água corrente, eletricidade, comida, bens de primeira necessidade, sem remédios e sem reparo algum, poderão sempre entrar naquelas salas escuras e frias, iluminadas pelo calor das palavras.

Um farol na longa noite do cerco. Eles veem os amigos morrer, as famílias dispersar-se, as casas esmigalhar-se, a vida afastar-se enquanto correm entre os escombros para salvar-se da enésima explosão. Contudo, nos livros encontram a paz e a certeza de que o seu sonho, a imagem de um país livre e democrático, pode tornar-se realidade. Resistem ao horror com coragem e firmeza.

Com dignidade. 27 de fevereiro de 2016: a cidade desperta num silêncio surpreendente. A sensação de que viver o presente tem um novo sentido. “Também os muros voltam a cantar. A artista de estrada percorre a cidade para pintar a esperança em cores. Sobre uma fachada demolida pelo deslocamento de ar, desenhou uma menina; com sua mãozinha ela escreve: *Hope. Apesar das contusões, Daraya obstina-se em celebrar a vida*”.

“Um hino à liberdade e à tolerância, o símbolo inestimável de uma força que à opressão violenta da guerra, escolhe opor a beleza da literatura, da vida”.

COMUNICAR *Música*

Chamados a escolher

■ **Mariano Diotto**
m.diotto@iusvre.it

A vida sempre nos põe de frente a encruzilhadas. O chamado à escolha é uma espécie de vocação que todos temos. Algumas vezes as escolhas são fáceis, outras vezes são complicadíssimas. Disso estão convencidíssimos os adolescentes

que são chamados a realizar escolhas nesta idade, o que não é difícil enquanto tal, mas o é, porque permite milhões de escolhas, todas sedutoras e todas possíveis. E, também, escolher como viver nesta sociedade não é fácil para os jovens de hoje.

■ A história de Evan Hansen é uma dessas!

A sua adolescência é relatada em um comovente musical da Broadway que venceu numerosos prêmios: **Querido Evan Hansen**. Tudo parte de uma carta de Evan, um estudante do Ensino Médio que sofre de fobia social, que se vê envolvido no suicídio de um companheiro de escola. Para reaproximar a família do rapaz morto, sempre considerado uma péssima pessoa, finge ter sido seu grande amigo, inventando histórias e situações inexistentes que, porém, tinham o mérito de relatar uma vida ideal, sonhadora, que é difícil a ser alcançada.

A sua história pode ser a de qualquer adolescente que se vê, muitas vezes e infelizmente, também nos nossos dias, enfrentando as dificuldades da vida, sozinho, com companheiros que parecem ignorá-lo ou genitores que estão mais empenhados em trabalhar do que em ocupar-se dos filhos.

Mas a situação chama Evan a realizar uma escolha: uma escolha de bem. Assim será capaz de fazer viver, naquela família destruída pela dor da perda de um filho, os verdadeiros valores da vida, conquistando também a adolescente dos seus sonhos e lançando uma forte mensagem sobre a depressão na idade da adolescência. A canção principal intitula-se: *Para sempre*, e diz: «*Caminhamos um pouco e partimos / Não seria belo? / Não existe nada sobre o qual não possamos discutir / Falamos e consideramos tudo o que vemos / é o céu / agora e para sempre / Deixamos que o mundo passe para sempre / Parece que poderíamos ir adiante ao infinito deste modo / Tudo o que vemos é a luz / para sempre / Porque o sol resplandece luminoso para sempre / Como ficaremos bem para sempre deste modo / Dois amigos numa jornada perfeita*».

A todo ser humano é doada uma grande virtude: a capacidade de escolher. Quem não a utiliza, transforma-a em uma maldição e outros escolherão por ele (Paulo Coelho).

■ O segredo do chamado à escolha

Portanto o chamado à escolha na própria vida será sempre individual, e muito mais simples quando houver um amigo ou a tua companheira ou a tua família, ao teu lado.

Laura Pausini em uma canção de 1994, agora caída no esquecimento, intitulada *Um amigo é assim*, canta: «É fácil afastar-se, sabes / Se como tu, também ele tem as suas dificuldades / Mas quando tiveres necessidade ele estará aqui / Um amigo é assim / Nunca há necessidade de palavras / Com apenas um olhar entenderás / Que depois de um não ele te dirá sim / Um amigo é assim / E lembra-te de que, enquanto tu viveres / Se um amigo estiver contigo não te perderás / Por estradas erradas percorridas por quem / Não tem na vida um amigo assim.»

Mas o chamado à escolha chega, também quando se trata do fim da vida. A morte tornou-se o tabú dos nossos tempos. Mas também naquele momento a escolha de como viver aquela experiência, requer coragem. É aquilo que relata magistralmente **Slimane**, um cantor que se tornou famoso na França por ter vencido o *Talent A voz*, com sua canção intitulada: *Eu estarei lá*: «Quando passar o tempo na minha vida e nos meus amores / Quando as risadas de meu filho tiverem ressoado durante o dia / Quando as rugas na minha fronte tiverem decidido permanecer / Quando houver mais lembranças do que momentos a serem passados / Estarei lá mamãe / estarei / Fica tranquila / teu filho estará lá / Mamãe estarei / Quando houver mais velas do que bolo para o teu aniversário / Quando fores minha mãe mas também a avó / Quando a tua beleza estiver fechada num baú e deixares o teu lugar ao teu charme / Quando pela estrada te perguntarem: Tens necessidade de ajuda, senhora? / Estarei lá mamãe / Dorme tranquila que o teu filho estará lá.

Amanhã serei aquilo que hoje escolhi ser (James Joyce).

Porque o chamado a escolher acontece todos os dias, de modos diversos, de pessoas diversas e, como diz São Mateus: «Vigiai, então, porque não sabeis nem o dia nem a hora».

Roda-se um curta-metragem sobre as metáforas da vida em comunidade

■ **Caterina Cangia**

sisternet@thesisternet.it

No centro da vida cristã está o chamado à alegria que Deus dirige a todos, em particular aos jovens. Este chamado é “o projeto de Deus para os homens e as mulheres de todos os tempos” porque ninguém está imerso no acaso, mas cada vida e cada presença no mundo são fruto de uma vocação divina. Como mediar esta profunda e extraordinária realidade aos jovens? A realização de um vídeo sobre a dimensão comunitária da vida consagrada poderia ser uma ocasião concreta para convidar ao diálogo com o Senhor Jesus, na escuta da voz do Espírito Santo, para dar passos nos caminhos das escolhas fundamentais, partindo daquela escolha do estado de vida? Poderia realmente ser esta uma ocasião.

■ Um roteiro sóbrio

As metáforas sobre a vida em comunidade, que acontecem no curta-metragem ou no videoclip, constituem o roteiro e são: a família, o tapete, o laboratório, a rede, a concha, o cadinho, o jardim e a Igreja. A fala que acompanha as breves sequências que se desenrolam, uma depois da outra, é filmada, aqui e ali, por meio de brevíssimas frases ou até mesmo por meio de palavras sobrimpressas às enquadramentos. Uma fala breve, pois, deseja-se que a atenção seja capturada pelo fluxo do vídeo. Como exemplo, tomamos a metáfora do tapete: “A vida comunitária tece-se com fios diversos. As idades são diversas, as sensibilidades são diversas, as pessoas são diversas. São diversas, mas todas elas

empenhadas em realizar um mesmo design carismático, porque cada fio contribui à beleza do conjunto, tanto o cinza como o dourado. Da diversidade dos fios e do design de Deus, emerge o tapete". É esta a fala. As duas únicas frases sobrimpressas são: "*unicos pelo Único*" e "*diversos, mas Um*". Cada uma das oito metáforas é assim construída.

■ Os jovens e as filmagens

Alguns encontros com os jovens precedem a fase das filmagens, porque é preciso fazer um rascunho para cada cena do curta-metragem, decidindo antecipadamente como efetuar cada enquadramento. Estes encontros são densos de diálogo, de decisões a serem tomadas, e intensos de reflexões, porque as filmagens devem espelhar o conteúdo e os valores que se quer transmitir, são preciosas ocasiões de formação. Passa-se depois à distribuição dos papéis: cameraman, diretor da fotografia (que agirá também como técnico da iluminação), técnico do som e secretário de edição. Estes são os papéis indispensáveis, além do papel do diretor coberto pela animadora/animador do grupo, FMA ou leigo / leigo. Durante as filmagens são compiladas duas fichas: a **Ficha Ciak** e a **Ficha Editing**.

Não são necessários equipamentos caros, pode bastar uma máquina fotográfica digital Reflex. A principal habilidade a ser exercida, quando se fazem filmagens vídeo, é manter a vídeo-câmera estável. Na falta do cavalete as costas e os braços são mantidos muito firmes com os cotovelos bem encostados no corpo. Com o cavalete é mais simples. É melhor pensar no próprio vídeo como uma sequência de disparos fotográficos em movimento, que são depois as mesmas enquadramentos. A sequência desses brevíssimos clips tornará agradável o nosso curta-metragem sobre as metáforas da comunidade, se for feita cuidando da composição. Eis então que sucederão, pela metáfora da família: a enquadramento fixa de uma lareira acesa onde o movimento é interno à enquadramento, com o sobrescrito "*dar e receber amor*"; a enquadramento de duas pessoas, de costas, sentadas ao lado da lareira, com o sobrescrito "*fazer-se companhia*"; a enquadramento da silhueta de uma pessoa espiando por trás de uma porta

encostada, da qual se vê uma mão que segura o caule de uma rosa, com o sobrescrito "*pedir desculpas*"; a enquadramento de duas mãos jovens que seguram a mão de uma pessoa idosa, com o sobrescrito "*cuidar*"; para terminar com a enquadramento do rosto de uma pessoa fora de foco que tem diante de si as próprias mãos e cuida de uma flor, com o sobrescrito "*interessar-se*". As filmagens da terceira à última enquadramento, serão feitas com um *zoom* muito leve em frente. Se preferirmos não fazer o *zoom*, podemos, durante a montagem, aplicar um efeito animação. Tal efeito é chamado "*efeito Ken Burns*" com *iMovie*, e dá a impressão de que a videocâmera se movimenta em torno da foto (panorâmica) ou se aproxima e se afasta (*zooming*).

Durante as filmagens, a nossa ação formativa para os jovens é facilitada, porque estamos constantemente ao seu lado.

Discutir sobre a modalidade de filmagem, prestar atenção aos detalhes, à angulação a ser usada e à composição da enquadramento, são ocasiões a serem acolhidas para fazer refletir sobre a força da metáfora escolhida e sobre o seu significado profundo. Por exemplo, fazer discernimento sobre o significado do recíproco "*ter no coração*", nos levará a expressar o cotidiano, ocupando-nos com atenção de quem precisa da nossa atenção e querendo bem cada pessoa da nossa própria comunidade. Agir assim é viver a Palavra "*A multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma*" (At 4, 32). A sensibilização dos jovens à escolha de vida pode ser magistralmente solicitada pelas filmagens efetuadas na realização de um vídeo. Experimentar para crer.



A ficha Ciak

Os dados descritos durante as filmagens fornecem informações importantes que são:

- as notas de produção, para lembrar ao editor algumas específicas
- a data em que é efetuada a filmagem
- o cassete digital ou a ficha na qual é registrada a cena e o número da cena
- o *take*, ou a indicação de quantas vezes a cena foi filmada
- o título
- o nome do diretor
- a casa de produção que financia o trabalho
- o tipo de áudio registrado durante a filmagem

A ficha editing

Nesta são reportadas, pela secretaria de edição, as informações relativas às cenas, como:

- o nome da secretária de edição
- o título do filme
- o nome do diretor
- a data da compilação da ficha
- os números dos cassetes digitais ou das fichas
- os números das cenas e das filmagens
- uma matriz de dupla entrada para inserir o código de tempo no início e no final da filmagem, e o código de duração da filmagem, bem como as caixas para anotar o sucesso das filmagens áudio e vídeo.



Vocação líquida ou sólida ?

Estamos em caminho rumo ao Sínodo, e quero transmitir-vos uma inquietação que quase me deixa sem respiração: uma irmã encontrou-se com uma jovem para fazer uma proposta vocacional e, no diálogo, a jovem falou a respeito da “sociedade líquida”.

A jovem perguntou o que pensam as Irmãs sobre esta realidade que torna difícil acreditar em uma escolha para sempre, na vida religiosa.

Eu ouvi falar de ‘sociedade líquida’, porém não imaginava que pudesse ter tão grande influência sobre os jovens. A jovem lembrou que precisamente no ano passado morreu o criador deste conceito: Zygmunt Bauman. Vós o conheceis, não é mesmo?

Para não aumentar a minha ignorância, fui logo perguntar ao Senhor Google, que dizia assim: “Nos seus últimos trabalhos, Bauman quis explicar a pós-modernidade usando as metáforas de modernidade líquida e sólida. Nos seus livros sustenta que a incerteza que aflige a sociedade moderna deriva da transformação dos seus protagonistas de produtores a consumidores. Em particular, Bauman vincula com eles conceitos como o consumismo e a criação de resíduos humanos, a globalização e a indústria do medo, o desmantelamento das seguranças e uma vida líquida sempre mais frenética e obrigada a adequar-se às atitudes do grupo para não se sentir excluída, e assim por diante”.

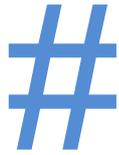
Mãe minha! Muitas coisas são reais, mas quero entender bem. Experimentemos perguntar-nos se as nossas comunidades sofrem as consequências da “sociedade líquida”. Agora me lembro, nos Atos do Capítulo Geral XXIII, as Capitulares haviam falado sobre isso. Talvez a jovem esteja certa em fazer a pergunta. Talvez, possamos à vezes, ver esta “liquidez” em nossa vida comunitária, na resposta para a vivência dos votos.

Vamos lá! *Não te acontece ser mais “consumidora” da vida comunitária, do que “produtora” da vida em comum, que é mais atraente para os jovens? O que pensam os jovens de hoje?*

O Sínodo começa e não podemos deixar que se perca um evento tão estratégico para o crescimento de vocações salesianas “sólidas”. Até a próxima!

Palavras de Camilla!





Espiritualidade Juvenil Salesiana



Eu escrevo para você...

«Faça com liberdade tudo aquilo que requer a caridade» (C.35,3)

Liberdade no escrever, liberdade no ser. Por conseguinte, liberdade no agir. Esta expressão exprime um ensinamento precioso da Espiritualidade Juvenil Salesiana: a *liberdade* abre horizontes e a *caridade* sela uma vida toda enraizada no amor de Cristo, cujo mistério Madre Mazzarello conheceu, por experiência pessoal e dos outros, «qual seja a amplitude, a largura, a altura e a profundidade [...] que supera todo conhecimento».

A espiritualidade do encorajamento

Madre Mazzarello distingue-se sempre pela sua grande capacidade de encorajar as jovens a ela confiadas. Tanto é verdade que se pode definir o seu estilo educacional como a "pedagogia do encorajamento".

O motivo da coragem, em Madre Mazzarello, é a força de uma fé clara e robusta, que se encarna na sabedoria de um "sim" à vida, cotidianamente renovado, com entusiasmo e generosidade. Viver cada dia na Caridade e pela Verdade, respondendo ao chamado de Cristo, misterioso e exigente: é a coragem da jovem Main que supera na força e bravura os operários, trabalhando nos campos com o pai; é a coragem da solidariedade que assiste os parentes doentes durante a epidemia do tifo, do qual será contagiada; é a coragem da educadora, sem cultura e sem meios, plena de amor e de sabedoria, que faz Dom Bosco sonhar um Instituto de religiosas dedicadas à educação das adolescentes e das jovens da classe popular, as mais abandonadas, as mais pobres.

«Queridos jovens...
não tenham medo
de escutar o Espírito,
que lhes sugere escolhas audazes.
Façam o seu grito ser ouvido,
e o deixem ressoar em
suas comunidades».

(Papa Francisco)